



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Ciências Sociais e Humanas

***AS DIFERENTES FACES DA INTERCULTURALIDADE NO
CONTEXTO ESCOLAR – Um estudo de caso***

Estela Cristina Ribeiro de Brito

Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em
Educação Social e Comunitária
(2º Ciclo de estudos)

Covilhã, Outubro de 2010

No fundo, a melhor escola, tal como a melhor cidade, é aquela que sabe pôr em contacto os indivíduos mais diversos. Quanto menos homogénea for a escola, social e culturalmente, melhor conseguirá desempenhar o seu papel de despertar das personalidades que se formam através da comunicação e não através de repetição de códigos geradores de distância e de hierarquia. Aproveitamos a oportunidade representada por tantos alunos de origens culturais diversas nas escolas para atingirmos aquilo que, já actualmente, as escolas vêm fazendo, melhor do que se pensa: a comunicação entre heranças, projectos e individualidades diferentes.

Alain Touraine, 1996

Agradecimentos

Os meus agradecimentos dirigem-se a todos aqueles que, de alguma forma contribuíram, com o seu apoio incondicional, para que este trabalho se realizasse.

Em primeiro lugar, agradeço, em particular, à Professora Doutora Maria Luísa Branco, com muita estima, o facto de ter aceite a tarefa de orientar este trabalho, bem como atenção e apoio prestados, o interesse e a motivação constante que me transmitiu ao longo de todo processo e sobretudo, a expectativa positiva e encorajamento constantes, cruciais em todo este processo.

Agradeço, igualmente, aos professores responsáveis pelas disciplinas da componente curricular, pelos seus ensinamentos e pela relação cordial e afável que sempre mantiveram.

Expresso a minha gratidão para com as pessoas que aceitaram colaborar neste trabalho, particularmente, aos professores envolvidos, aos alunos e seus Encarregados de Educação, bem como aos membros da Direcção de escola que permitiram o acesso a documentos relevantes e que facultaram informações precisas para o presente estudo.

Por último, uma palavra de gratidão e apreço a todos os familiares e amigos que me acompanharam com a sua presença, com amizade, com a sua motivação.

Obrigada a todos, do fundo do coração.

Resumo

Este estudo procura conhecer como é que a interculturalidade/multiculturalidade se traduzem na prática pedagógica dos professores.

Após a revisão da literatura sobre os fundamentos da globalização e as suas implicações na escola, nos seus actores principais, na diversidade cultural, foi feito um estudo de caso qualitativo, tendo-se recorrido à análise documental e à entrevista semi-estruturada. Foram realizadas cinco entrevistas a professores com percursos profissionais variados e a dois alunos de proveniências culturais diferentes.

Concluiu-se, deste modo, que o caminho está traçado, pois a escola manifesta, na sua constituição e organização, sinais de abertura para promover o encontro e a relação entre culturas diferentes. Porém, a complexidade do sistema multicultural suscita algumas dificuldades na implementação real e objectiva da educação intercultural e isto só poderá ser ultrapassado se foram dados alguns passos por parte dos professores no aproveitamento das potencialidades que a interculturalidade apresenta e oferece à escola.

A educação intercultural encontra várias expressões na escola actual, mas precisa de maior envolvimento da parte dos seus agentes educativos, bem como da reflexão constante sobre as práticas utilizadas no dia-a-dia que promovam um ambiente de interações culturais, e o reconhecimento de identidades diferentes.

Palavras-chave:

Globalização, Multiculturalidade, Interculturalidade, Diversidade Cultural, Alteridade.

Abstract

This study seeks to learn how intercultural/multicultural is carried out in teaching practices among teachers.

After reviewing the literature about globalization and its implications in schools, students and cultural diversity a qualitative case study was carried out based on documentary analysis and semi-structured interviews. Five teachers were interviewed with different career paths and two students with different cultural backgrounds.

It was concluded that due to the schools' constitution and organization schools have already set a path that promotes the contact and the relationship between the different cultures. However, the complexity of the multicultural system raises some difficulties in the implementing of the actual intercultural education. This can only be overcome if teachers harness the potential of intercultural that is found in schools.

Currently schools have different intercultural expressions which need greater involvement from teachers as well as ongoing reflection on daily practices which promote cultural interaction and the recognition of different identities.

Keywords: Globalization, Multicultural, Intercultural, Cultural Diversity, alterity.

ÍNDICE

1- Introdução	1
Capítulo I - Revisão da Literatura	3
1.1. A Globalização e a diversidade cultural	3
1.1.2. Pensar a cidadania Europeia (Encontros e Desencontros)	5
1.1.3. A Escola e Diversidade Cultural/ Interculturalidade	8
1.1.4. As experiências de uma escola numa dimensão multi/intercultural	11
1.1.5. As características da cultura docente numa escola intercultural	17
Capítulo II - Estudo Empírico	25
2.1. Objectivos/ Questões de Investigação	25
2.2. Metodologia (Sujeitos; Instrumentos; Procedimentos)	27
2.2.1 Técnicas de recolha de dados	27
2.2.2 Procedimentos	31
2.2.3 Caracterização da escola	32
2.2.4 Caracterização do contexto	33
2.3 Apresentação de Resultados	34
Capítulo III - Discussão das questões de investigação	49
Conclusão	55
Referências	57
Anexos	60

Lista de quadros:

Quadro 1. Pessoal docente existente no Agrupamento e nos diferentes níveis de ensino

Quadro 2. Análise de Conteúdo das entrevistas efectuadas aos cinco professores

Quadro 3. Análise de conteúdo das entrevistas dos alunos 1 e 2 (Búlgaro e alemã)

Lista de anexos (apresentados em CD)

Anexo 1. Entrevista ao professor 1 (Directora da Escola)

Anexo 2. Entrevista ao professor 2 (Coordenadora de Directores de Turma do 2º e 3º ciclo)

Anexo3. Entrevista ao professor 3 (Professora do 1º Ciclo)

Anexo 4. Entrevista ao professor 4 (Directora de Turma do 2º ciclo)

Anexo 5. Entrevista ao professor 5 (Subdirector da Escola)

Anexo 6. Entrevista ao aluno 1 (Aluno Búlgaro)

Anexo 7. Entrevista à aluna 2 (Aluna Alemã)

Anexo 8. Pedido de Autorização para a realização de entrevistas com os alunos

Anexo 9. Pedido de autorização de documentos referenciais: Projecto Educativo e Plano Anual de Actividades.

1. Introdução

Os encontros e desencontros da cidadania europeia fazem-nos reflectir sobre a necessidade de construir uma cultura global e solidária que não colida com a identidade cultural de cada grupo ou até de cada cidadão. Por sua vez, estas vicissitudes foram e são condicionadas por três acontecimentos históricos: a implosão do Império soviético, com a consequente independência dos Estados da Europa Central; a unificação alemã e os conflitos de nacionalidade na Europa Oriental; a criação da União Europeia e por último e não menos importante, os fluxos migratórios do Sul e do Leste europeus.

Nos últimos 30 anos, os governos dos países mais desenvolvidos têm adoptado diferentes orientações para lidar com a diversidade cultural na sociedade e no sistema educativo. Os três principais modelos de política multicultural, o assimilacionismo, o integracionismo, e o pluralismo, definem as principais etapas de um *continuum* da evolução histórica do multiculturalismo, correspondem a três modelos ideológicos e maneiras padrão de entender a educação intercultural e subentendem diferentes significados de igualdades de oportunidades.

Deste modo, é pertinente falar de uma cidadania europeia à qual são colocados alguns desafios: a pluralidade cultural que caracteriza a sociedade actual, a exclusão social que ameaça a coesão das comunidades e fragmenta o sistema de relações, pressupõe uma cidadania fundamentada na multiculturalidade e interculturalidade, isto é, aos cidadãos europeus são pedidas algumas atitudes que se relacionam com a capacidade de tolerar, de respeitar as pessoas de outras culturas.

O intercultural é uma atitude e uma conduta humanista, uma forma esclarecida de ver e entender o mundo, uma forma de estar antropológica porque legitima as heterogeneidades dentro das identidades. “ O termo implica a ideia de inter-relações e de trocas entre culturas diferentes” (Ladmiral, 1989, p.10). A noção do intercultural implica o abandono da concepção estática e estrutural da cultura.

A temática da interculturalidade no contexto de mudança ajuda a entender os sucessivos desafios que são lançados ao contexto educativo e são resultado das exigências de uma globalização contra-hegemónica que deixa transparecer a multiplicidade de identidades que compõem a sociedade multicultural. Porém, relativismo que caracteriza as sociedades actuais remete este estudo para uma reflexão séria acerca da dimensão intercultural nos diferentes espaços sociais, principalmente na escola, enquanto espaço sociocultural aberto à construção de uma cidadania participativa e cooperante.

O sistema educativo terá de reconhecer na diversidade uma enorme fonte de riqueza pedagógica, ou seja, a diversidade interna da Europa e a diversidade acrescida da Europa ao acolher no seu seio populações oriundas de outros continentes.

A grande questão que se coloca prende-se com a forma como é que se pode transformar o espaço escolar que ainda vai reproduzindo preconceitos e estereótipos, que exclui, em algumas situações, os que nele não se adequam, num espaço no qual se construa uma cidadania plural, na qual diferentes pessoas, de diversas culturas e vozes interajam, sem que as suas diferenças sejam motivo de opressão. Sendo a interculturalidade uma dimensão promotora de diálogo, de troca de experiências no espaço escolar, a sua implementação suscita a seguinte questão: Como é que as suas manifestações se enquadram numa escola do presente?

Os objectivos do estudo prendem-se com o facto de se conseguir estabelecer a relação entre o papel da escola na sociedade em mudança e as diferentes manifestações da interculturalidade e conhecer ou identificar a dimensão da interculturalidade/multiculturalidade na prática pedagógica dos professores.

No primeiro capítulo, faz-se a revisão da literatura acerca da questão da cidadania europeia, ou seja, do reconhecimento de direitos e deveres dos cidadãos europeus. Os progressivos movimentos migratórios contribuíram para alterar a composição das sociedades europeias e, gradualmente das populações escolares de toda a Europa. A escola de massas desencadeou uma crescente presença de alunos de diferentes grupos socioeconómicos e de diferentes realidades regionais e culturais; fala-se, igualmente, da escola imbuída pelas exigências da diversidade cultural que despoleta uma cultura docente capaz ou não de corresponder com as múltiplas experiências ao princípio de reconhecimento das diferentes identidades culturais. Aborda-se a questão da cultura docente na actualidade e aquilo que ela deveria ser para apreender o real significado da interculturalidade.

No segundo capítulo, referente ao estudo empírico, destaca-se a realização de entrevistas semi-estruturadas com objectivo de se identificar melhor a forma como é que as manifestações da interculturalidade se espelham na prática pedagógica dos professores. Aqui, também se faz a descrição do estudo, na sua metodologia e técnicas de recolha de dados utilizadas, a caracterização do contexto e da escola e ainda a análise, a interpretação dos dados, e as conclusões.

Capítulo I - Revisão da Literatura

1.1- A Globalização e a diversidade cultural

A globalização sendo um fenómeno multifacetado, manifesta-se em vários aspectos da vida humana, ao nível económico, social, político, cultural, religioso e jurídico. Um dos grandes problemas da globalização é o amplo desenraizamento que desfaz modos de vidas locais, desenquadra milhões de seres humanos de suas referências culturais e das suas próprias vidas. Daqui surge a chamada homogeneização que faz perder as especificidades, características únicas de pessoas e de povos, vivências do dia-a-dia que se vão perdendo porque estão orientadas num determinado sentido.

Nascida da explosão das interdependências, a globalização reformulou o conjunto dos problemas actuais, quer ao nível político, económico ou social, conferindo-lhes uma dimensão mundial. Esta dimensão não absorve os outros aspectos regionais, nacionais ou locais destas questões, mas impõe novos constrangimentos e uma nova abordagem das coisas que atingem o cenário mundial.

A globalização está anunciada há muito tempo. Alguns autores fazem-na remontar à expansão colonialista europeia e ao mercantilismo. Outros, reportam-na à era dos grandes impérios da antiguidade já animados pela pretensão de conquistar o mundo conhecido e de a generalizar a sua cultura e as suas instituições. O fenómeno foi acelerado no século passado, manifestando novas características: transnacionalização da produção e dos investimentos; papel “motor” das empresas transnacionais; aumento da finança e da especulação na economia; multiplicação das zonas e dos acordos de comércio livre; incapacidade – ou reticências – dos Estados para regular o novo espaço económico globalizado.

No contexto mundial existem duas denominações que traduzem a globalização, ou seja, o seu sentido surge nos meandros de uma globalização neo-liberal ou de duas tendências que caracterizam o dealbar dos tempos modernos. Assim, a globalização contra-hegemónica responde a uma vertente de transformação das trocas desiguais, enquanto a globalização hegemónica inverte esta assimetria que se acentua entre os Países do Norte e do Sul.

A globalização, quando definida em termos políticos e económicos, aponta para uma submissão da civilização mundial às práticas do mercado. Mas, se considerarmos a cultura como factor subjacente às práticas económicas, ou seja, como o conjunto de processos através dos quais os grupos expressam o social e estruturam as relações com os outros grupos, marcando as suas

diferenças, constata-se que o fenómeno da globalização pode evidenciar a diversidade cultural do mundo e apontar para a necessidade de diálogo entre as diferentes civilizações.

A cultura e diversidade cultural tornaram-se realidades políticas e jurídicas, como se afirma no primeiro Artigo da Declaração Universal sobre Diversidade Cultural, da UNESCO (2001): “ a diversidade cultural é tão necessária para a humanidade como a biodiversidade é para a natureza. Neste sentido, é a herança comum da humanidade e deve ser reconhecida e afirmada para benefício das gerações presentes e futuras”.

A cultura global transforma a diversidade cultural como um meio para promover a liberdade cultural, enriquecendo a vida das pessoas, isto é, cada um de nós pode fazer diferentes opções. A globalização só pode expandir as liberdades culturais se todas as pessoas desenvolverem identidades múltiplas e complementares, como cidadãos do mundo ou membros de um grupo cultural.

A cultura mundial não tem a ver com a língua inglesa, nem com nomes de marcas furtivos, mas tem que alicerçar-se na ética universal baseada nos direitos humanos universais e respeito pela liberdade, igualdade e dignidade de todos os indivíduos. As interações de hoje exigem respeito pela diferença, respeito pela herança cultural dos milhares de grupos culturais do mundo.

Giddens (1992) caracteriza a globalização como a intensificação de relações sociais mundiais que unem localidades distantes de tal modo que os acontecimentos locais são condicionados por eventos que acontecem a muitas milhas de distância. Perante isto, as identidades culturais são confrontadas de acordo com os contextos onde estão inseridas, tornando necessária uma maior compreensão na relação com os outros. A diversidade cultural surge com um novo fulgor no quadro da globalização contra-hegemónica, pois o respeito pela diferença, é um desafio constante.

Hoje mais de que nunca sente-se a necessidade de se ter em conta a força e a diversidade das culturas, resultado de uma história de contactos, de convivências, de conflitos, de movimentações que caracterizam a sociedade europeia. Patrício (2002) defende que existe uma tensão oposta entre a globalização e a diversidade, ou seja, persiste a possibilidade desta tensão desaparecer devido à supremacia da globalização sobre a diversidade e uma resposta para este conflito passa pela valorização de uma Escola Cultural, inserida no contexto europeu.

1.1.2 – Pensar a cidadania Europeia num contexto de globalização (Encontros/Desencontros)

O novo contexto social decorrente da nossa integração na União Europeia, de alguns processos migratórios e da crescente globalização exigem uma maior flexibilização e abertura das comunidades educativas. O aumento significativo de populações migrantes é uma realidade mundial que tem repercussões na generalidade dos países, quer enquanto territórios de origem ou de destino. A Europa é, deste modo, uma área de densidade imigratória por excelência, embora muito recente não só pelo fenómeno das migrações como pelo fim dos impérios coloniais e o desmoronamento dos regimes políticos de Leste, responsáveis pelos grandes surtos migratórios actuais.

Com a globalização, surgem múltiplas identidades para além do marco nacional e dão um carácter secundário à identidade colectiva nacional, tradicionalmente caracterizada pela cidadania. Poder-se-á dizer que os encontros e desencontros da cidadania Europeia foram e são condicionados por três acontecimentos históricos, como por exemplo: a implosão do império soviético, com a consequente independência dos Estados da Europa Central; a unificação alemã e os conflitos de nacionalidade na Europa Oriental, a criação da União Europeia e por último os fluxos migratórios do Sul e do Leste europeus que exacerbam os conflitos entre os princípios universais da democracia e as reivindicações destas comunidades, introduzindo uma contradição entre as pressões globais que ameaçam a cidadania nacional e as pressões locais que sentem a sua identidade ameaçada. (Habermas, 1990)

A mobilidade da população europeia em virtude das duas guerras mundiais, a reorganização do espaço europeu, em consequência destas guerras e a abertura das fronteiras dos países europeus à mão-de-obra estrangeiras fez despontar na Europa a consciência das suas próprias diversidades. A Europa do pós-guerra tem vindo a ser concebida como um espaço sem fronteiras, de relação estreita entre países num espaço comum, caracterizado pela pluralidade das nações e das culturas. Ao mesmo tempo que há uma tentativa de criação de normas e valores partilhados, há ao mesmo tempo a necessidade de salvaguardar uma certa singularidade.

Considerando que a Comunidade Europeia se desenvolve em torno da ideia de uma identidade supranacional que congrega diferentes povos com percursos históricos e culturais distintos, o respeito pelas diversidades não deixará de estar sempre presente na prática política. Daqui surgem os encontros e desencontros para a implementação de uma cidadania europeia, pois

o fenómeno da globalização procura criar uma homogeneização cultural que faz despoletar, em determinadas circunstâncias, os conflitos identitários entre os diferentes grupos culturais.

Há quem reforce a ideia de que a existência de alguns problemas actuais condicionam a ideia de uma Europa unida, como é o exemplo da soberania dos estados membros, o nacionalismo dos povos, a integração dos grupos étnicos não europeus e ampliação até ao lado Este da União Europeia. Todavia, esta questão da identidade e da cidadania está relacionada entre si, visto ser fundamental a construção de uma identidade europeia baseada numa cidadania múltipla ou multicultural.

A Europa, no sentido histórico, é uma população estruturalmente dinâmica e diversificada. Quando se identifica a cidadania europeia pode-se remeter para uma cidadania pautada pelo respeito perante os direitos colectivos e pelas diferenças culturais, pois qualquer cidadão que aprender a respeitar a cultura diferente, compreenderá a sua.

A primeira coisa que é preciso discutir é a cidadania europeia, ou seja, um conjunto de direitos e obrigações dos sujeitos relativamente à Europa que são distintos dos que têm a nível nacional. É preciso reconhecer que, na Europa, as pessoas não são apenas cidadãos, são sim cidadãos de países (Souta, 1992)

A construção da Europa é um problema histórico do qual migrações (de e para a Europa) e o racismo são partes integrantes. As raízes profundas da discriminação racial na Europa podem ser encontradas no colonialismo e anti-semitismo e a máxima expressão de ambos traduziram-se, por um lado, na venda de escravos e por outro, no holocausto. Por sua vez, o reaparecimento na Europa de movimentos nacionalistas de extrema-direita, de racismo e de xenofobia está muito ligado a esta herança histórica europeia.

Em 1992, com a assinatura do Tratado de Maastricht, surge no contexto mundial a possibilidade de se lançar o Desafio da Cidadania Europeia, vista como elemento crucial para enquadrar a problemática da diversidade cultural, do multiculturalismo e da política educativa na Europa. O processo de globalização, como já foi referido anteriormente, incluindo o aparecimento da sociedade de informação e a crise do Estado – Providência, tornaram urgente aquilo que Roberto Carneiro (1995) denomina de “renegociação do contrato social”, estabelecido no início da era pós-Segunda Guerra Mundial. Carneiro defende a proposta de uma cidadania baseada na educação intercultural, da passagem de cultura para a multicultural, pois a nossa sociedade já não é compatível com homogeneidades culturais. O sistema educativo terá de reconhecer na diversidade uma enorme fonte de riqueza pedagógica, ou seja, a diversidade interna da Europa e a diversidade acrescida da Europa ao acolher no seu seio populações oriundas de outros continentes. A dimensão

européia da educação, implica, uma nova perspectiva da Europa, vista como um sistema cultural de representações sociais, uma comunidade multicultural onde é possível aprender a saber o significado de “europeu”.

No entanto, o impacto da globalização nas coordenadas de espaço-tempo, que determinam em grande parte como é que a identidade europeia é localizada e representada, transforma a construção da Europa enquanto sistema de representações culturais numa tarefa complexa. Deste modo, pensar-se-ia que a educação intercultural apenas faria sentido nos grandes centros de emigração ou em franjas do país onde o tecido social coloca em confronto algumas subculturas. Na situação em que isto não se verifique, fará sentido falar neste enquadramento?

Quando se aborda a questão da cidadania europeia, é importante referir que a mesma suscita uma nova perspectiva da interculturalidade que preenche a educação global, conducente à capacidade de auto-crítica, à sensibilidade e respeito pelo outro. O que é importante na cultura europeia não são só os princípios unificadores e orientadores da mesma, mas sim os seus opostos, ou seja, o espírito europeu não está na pluralidade e na mudança, mas sim no diálogo das pluralidades que produzem a mudança.

Deste modo, à cidadania europeia são colocados alguns desafios que se prendem com a essência deste trabalho. A pluralidade cultural que caracteriza a sociedade actual, a exclusão social que ameaça a coesão das comunidades e fragmenta o sistema de relações pressupõe uma cidadania europeia caracterizada pelas dimensões do multicultural e intercultural. Aos cidadãos europeus são pedidas atitudes que se relacionam com a capacidade de tolerar e trabalhar com pessoas distintas e de outras culturas, promover o diálogo que se traduza numa convivência autêntica, valorizar a compreensão de outras culturas como meio para compreender a sua

López (1993) aponta algumas razões que motivaram a política educativa baseada na interculturalidade: a crescente democratização dos Estados e o despertar de uma nova sensibilidade social; o carácter mundialista dos sistemas económicos e o fenómeno da emigração e imigração; uma nova visão da cultura. A educação monocultural tem tendência para engendrar arrogância e insensibilidade. A criança que não aprenda a estudar outras culturas com simpatia e imaginação não poderá desenvolver o respeito por essas mesmas culturas.

Cada vez mais a escola, em especial a escola europeia necessita de preparar os seus alunos para as possibilidades e potencialidades que a União Europeia para eles tem reservadas, quer ao nível laboral, quer a nível social e cultural. Educar para a cidadania implica conhecer e transformar a sociedade envolvente numa comunidade solidária, participativa e respeitadora da interculturalidade.

Sendo a escola um espaço de aprendizagens sucessivas a diferentes níveis, é importante reflectimos até que ponto é as nossas crianças a conseguem transformar num “habitat” harmonioso, onde as diferenças culturais, étnicas, religiosas se conjuguem num todo. O papel das escolas na nossa sociedade tornou-se cada vez mais complexo.

No contexto de globalização surge a aproximação e os contactos gerados através dos meios de comunicação social e tecnologias de informação, vistos como um potencial para a abordagem da interculturalidade. Para além, da aproximação entre as culturas, estes mesmos meios poderão ser instrumentos para erradicar preconceitos e estereótipos tão visíveis numa sociedade em que impera o relativismo cultural.

Os encontros e desencontros da cidadania europeia fazem-nos reflectir sobre a necessidade de se construir uma cultura global e solidária que não colida com a identidade cultural de cada grupo ou até mesmo de cada cidadão. Até que ponto isto é possível, uma vez que a própria globalização pressupõe homogeneidade e impossibilita a vivência na diversidade e a construção de uma cidadania participativa e intercultural?

As transformações da sociedade contemporânea colocam grandes questões à centralidade do Estado como fonte de direitos e veículo de participação activa. O processo de globalização possibilita a extensão dos processos sistémicos para além das fronteiras nacionais e implica, igualmente, a ampliação de aspectos culturais para além do espaço nacional.

1.1.3- A Escola, Diversidade Cultural e Interculturalidade

Quando se fala de educação, é importante falar da possibilidade que cada pessoa tem de permanecer no lugar da sua cultura de origem, sem grandes convulsões ideológicas, económicas, laborais, familiares, e poder admitir intercâmbios de professores, de estudantes de diferentes nacionalidades. A escola deve preocupar-se com a interacção e a comunicação entre todos os seus elementos, na busca da compreensão e responsabilidade e na tentativa de levar os alunos a conhecer todos aqueles que surgem como diferentes.

A aprendizagem torna-se verdadeira e significativa quando se realiza com dados concretos da realidade envolvente, visto serem eles que estimulam a maturação intelectual e favorecem o princípio de alteridade, ou seja, a capacidade de ver o outro nas suas diferenças e aceitá-lo tal como ele é.

Como relembra Roberto Carneiro (1995), um dos maiores problemas da sociedade actual reside na constatada impreparação da humanidade para assimilar uma das maiores transformações culturais de sempre: a vizinhança global impulsionada pelos media; a crise das instituições de socialização tradicionais, designadamente a família; a explosão de liberdades pessoais e o neoliberalismo triunfante; a mobilidade acrescida das culturas e o incremento das interfaces de contacto; os fundamentalismos de origem étnica e religiosa; a miséria, a exclusão, a marginalidade e o desemprego crescentes.

Deste modo, a escola terá de recentrar as estratégias educativas e de aprendizagem na formação integral da pessoa. A Educação Intercultural implica toda a formação sistemática que visa desenvolver quer nos grupos maioritários quer nos grupos minoritários, uma melhor compreensão das culturas nas sociedades modernas, uma maior capacidade de comunicar entre pessoas de culturas diferentes, promover atitudes mais adaptadas ao contexto da diversidade cultural e uma maior capacidade de participar na interacção social, criadora de identidades e de sentido de pertença comum à humanidade.

Na diversidade cultural, ou seja num contexto intercultural, torna-se importante ressaltar dois aspectos essenciais: a interculturalidade é um valor que traduz o princípio da alteridade humana e o contexto escolar reflecte no seu todo, as diferentes identidades culturais representadas por sujeitos próprios, nomeadamente os alunos e professores. As mutações sociais e culturais configuram a escola num espaço onde se torna importante compreender e respeitar os outros.

Nesta sequência, torna-se pertinente perguntar: Como é que estas manifestações culturais se enquadram no contexto actual da escola do presente?

Para que escola assimile na sua estrutura as diferentes vertentes da interculturalidade, deveria ter as seguintes características: definir como prioritários os meios que favorecem o sucesso de todos os alunos; adoptar formas claras de oposição à discriminação; ser gerida de forma democrática e participada; privilegiar estratégias de autonomia e cooperação nas aprendizagens e nas relações com os parceiros; auto-avaliar-se de forma sistemática.

Dayrell (1996) desenvolve a dimensão sócio-cultural da escola como um espaço social próprio, organizado institucionalmente por regras, normas, que buscam nortear e delimitar a acção de vários sujeitos sociais. A escola, é caracterizada, no seu dia-a-dia, por uma complexa trama de relações sociais que incluem conflitos, alianças, estratégias individuais e colectivas. O autor refere, ainda, que a partir da década de 80, surge uma nova abordagem da instituição escolar que procura

superar os determinismos sociais e a dicotomia entre homem e circunstância. O novo paradigma coloca a pessoa enquanto actor e sujeito do mundo, no centro do conhecimento.

Segundo Dayrell (1996), a escola como espaço sociocultural está ordenada por uma dupla dimensão, ou seja, por um conjunto de regras e normas que condicionam a acção dos seus sujeitos e por um contexto de interacções entre os mesmos. A acção recíproca entre os sujeitos e a instituição escolar faz despoletar um processo heterogéneo que procura apreender os factos reais e diários que ocorrem dentro da mesma e por outro lado enfatiza o papel activo dos sujeitos na vida social e escolar. Falar da escola como espaço sociocultural implica realçar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui enquanto instituição. Dayrell (1996) salienta, ainda, que esta nova abordagem revoga os determinismos impostos nas “teorias da reprodução social” de Bourdieu e Passeron (1977), nas quais se patenteava a influência das macro-estruturas da sociedade capitalista, na vida escolar e no comportamento dos sujeitos que aqui actuavam.

Dayrell (1996) desafia-nos a transferir o eixo primordial da escola para o aluno, no qual se procure um conhecimento completo do mesmo para que das dimensões culturais em que ele é diferente se possa destacar a diferença como tal e não como deficiência. A escola no seu enquadramento arquitectónico, não se pode fechar ao mundo envolvente, visto que a arquitectura escolar interfere na forma da circulação das pessoas, na definição das funções para cada local e traduz uma determinada concepção educativa, bem como espaços de encontro nos quais se promovem laços de amizade. Peres (2000) sustenta que um dos maiores riscos das sociedades contemporâneas, é o risco da etnicidade, vista como um processo de construção de diferenças em função da origem e da pertença nacional, geográfica, linguística, religiosa e a conversão destas diferenças em desigualdades sociais e económicas, em discriminações, em processos de menorização e de exclusão.

A escola não produz estes processos, mas participa na manutenção e no reforço dos mesmos. A dimensão universalista da escola republicana converte-se numa dimensão diferenciadora. O mundo contemporâneo enfatiza dois processos que têm repercussões na aceitação da multiculturalidade na escola, bem como no introduzir nas aprendizagens do saber fazer e saber ser, a diversidade cultural. O primeiro é a individualização, que reforça o papel de um indivíduo que existe fora dos seus domínios e o segundo é deslocalização, ou seja, a desarticulação entre o tempo e espaço que se manifesta pela emancipação da cultura face ao território.

Dayrell (1996) caracteriza a escola como um espaço sociocultural que não só reflecte a hegemonia de algumas macro-estruturas, mas a rede de relações que se estabelecem entre sujeitos

sociais capazes de mudar o contexto e a orgânica escolar, visto que assimilam em si várias vivências partilhadas em outros espaços fundamentais para a sua construção enquanto pessoas. A escola, na sua configuração espacial, vai mudando com o tempo e é condicionada pelo enquadramento arquitectónico, ou seja, a escola enquanto espaço reflecte interacções constantes entre professores e alunos e promove micro culturas de culturas maiores, sendo por isto, um espaço sociocultural.

Num contexto de globalização, a diversidade cultural surge como um acervo riquíssimo da humanidade e uma oportunidade de partilha e fruição colectivas. Neste enquadramento, torna-se importante fazer a distinção entre educação multicultural e educação intercultural. A primeira prende-se com questões de justiça social, com preocupações políticas de procurar a igualdade e combater a discriminação que tem atingido alguns grupos sociais, é a coexistência de culturas e subculturas que se traduzem em diferentes efeitos. Por sua vez, a educação intercultural implica, como já foi dito, a reciprocidade, a troca na aprendizagem na comunicação e nas relações humanas entre indivíduos das diferentes culturas.

Vieira (2004) sustenta que o sistema de ensino português se caracterizou, durante muitos anos, pelo monoculturalismo, reflectindo a sociedade em que se vivia, também ela mono cultural, legitimando a cultura dominante, mediante a preservação e transmissão dos valores tradicionais, respeitantes à cultura de elite, esquecendo uma cultura dita popular com toda a sua riqueza de tradições e património artístico.

A escola enquanto espaço socialmente construído, pode contribuir na construção de uma sociedade que veja as diferenças culturais como legítimas, sem discriminações e preconceitos.

1.1.4 - Experiências de Educação Intercultural em contexto escolar

Apesar das sucessivas reformas dos sistemas educativos ocidentais, e em particular o português, veicularem discursos que apontam para a educação para a cidadania, para a formação pessoal e social e para a redução da desigualdade na escola em consequência das diversidades culturais, a escola democrática está ainda muito na ideologia, na retórica e até nas intenções. Na prática, a escola vive a tensão entre a uniformização e a diversificação, entre a tradição da cultura legítima do Estado e a modernidade da educação e as pedagogias interculturais.

A vertente tradicionalista e reprodutora da escola manifesta-se na uniformidade programática, no processo de avaliação, na valorização de códigos linguísticos elaborados.

Por sua vez, a dimensão intercultural, consequência da constatação e entendimento das sociedades como multiculturais, não pela coexistência de etnias diversas, mas também pelo simples facto de estratos e classes sociais dominantes e classes e estratos dominadas terem diferentes representações, linguagens, códigos de entendimento e de atitudes, aposta na diversificação dos processos ensino-aprendizagem. (Bourdieu, 1972)

A necessidade da educação intercultural resulta do facto de se crer que nos espaços educativos se está de alguma forma sempre entre culturas, ou seja, com diferentes saberes, sistemas de valores, sistemas de representações e de interpretações da realidade, hábitos, formas de agir. E se estas culturas produzem estilos cognitivos diferentes, várias formas de percepção e diferentes estilos de aprendizagem, a escola, se quiser ser mais democrática, terá de optar por uma pedagogia intercultural, uma pedagogia de troca e partilha de experiências.

No primeiro capítulo, falou-se da questão da cidadania europeia, ou seja, no reconhecimento de direitos e deveres dos cidadãos num contexto de diversidade cultural. Os progressivos movimentos migratórios contribuíram para alterar a composição das sociedades europeias e, gradualmente das populações escolares de toda a Europa. A escola de massas desencadeou uma crescente presença de alunos de diferentes grupos socioeconómicos e de diferentes realidades regionais e culturais.

A heterogeneidade da população escolar suscitou a produção de projectos, de programas específicos para enfrentar esta nova realidade. Como é que a escola traduz na sua estrutura pedagógica esta necessidade de se adaptar ao contexto intercultural? Ora, já se falou anteriormente que o multiculturalismo tem a ver com a junção de diferentes culturas e por isso para se chegar e respeitar a identidade individual e colectiva de um grupo, há que fomentar a educação intercultural, ou seja, é importante promover a troca, a comunicação, a interacção dos diferentes grupos socioculturais.

Neste âmbito, a escola tem um papel preponderante a desempenhar. Num meio intercultural, a criança deve descobrir no outro, ao mesmo tempo, a alteridade e a semelhança e isto só é possível numa relação com o outro. A descoberta da alteridade é a de uma relação, não a de uma barreira.

Analisar a evolução e construção das relações interculturais no espaço escolar e em todo o processo educativo, é fundamental, pois é nesta sequência que os actos e palavras das pessoas vão ganhando significados, perante as diferenças culturais que os sujeitos possuem, tornado o espaço plural. A grande questão é como transformar esse espaço que ainda produz preconceitos e estereótipos, que exclui, em algumas situações, os que nele não se adequam, num espaço no qual

se construa uma cidadania plural, na qual as diferentes pessoas interajam, sem que as suas diferenças sejam motivo de conflito.

As experiências da escola actual reflectem um domínio através do qual se manifestam as faces da interculturalidade ou da educação intercultural. Portugal apesar de ser um país semiperiférico, tem sentido, também, os efeitos do fenómeno da globalização, nomeadamente com a chegada de imigrantes provenientes dos países africanos de expressão oficial portuguesa, a juntar a outras comunidades culturais já existentes, como as pessoas de etnia cigana, hindus, muçulmanos.

Deste modo, o sistema educativo português vê-se confrontado com a necessidade de responder de forma adequada, tanto em termos de recursos educativos como ao nível de valores e atitudes. Como afirmam Stoer e Cortesão (1996), a escola deve constituir um espaço democrático para a construção da cidadania, ou seja, aprender a viver em comum, representa um aspecto fundamental da educação, conjuntamente com os outros três: aprender a conhecer, a fazer e a ser.

A necessidade de assumir uma política de reconhecimento, do valor do Outro e de outras culturas, é fundamental para a promoção de uma atitude positiva para com a questão da diferença. Como refere Touraine (2005), para podermos viver juntos, “não existe outra resposta (...) além da associação da democracia política e da diversidade cultural baseadas na liberdade do sujeito.” Neste sentido, a escola actual deverá desenvolver nas crianças, nos jovens, nos cidadãos do novo milénio, competências culturais, que lhes permitam interagir e viver em sociedades marcadamente multiculturais e os capacitam para lidar com a diferença.

A educação intercultural entendida como um percurso em que a criação da igualdade de oportunidades supõe o conhecimento/reconhecimento de cada cultura, garantindo, através, de uma interacção crescente, o seu enriquecimento mútuo, torna-se um imperativo que a instituição escolar não pode e não deve esquecer.

A instituição escolar confronta-se com constantes desafios, novas exigências em termos de currículo, estratégias, materiais pedagógicos e formação de professores. Face a escola tradicionalmente monocultural, a diversidade social e cultural ganha um estatuto de algo normal, em que as diferenças sociais, culturais e étnicas são encarados como elementos enriquecedores: aprender, ensinar e interagir apresenta formas diferentes consoante as características individuais e as condições culturais. Aprender deixa de ser apenas a aquisição de factos e conhecimentos, pois ela é também, e cada vez mais, o desenvolvimento de capacidades reflexivas e críticas. Para isso, é necessário compreender que as culturas devem ser entendidas como elaborações colectivas em

transformação constante, resultante de partilhas e trocas na base de um sentido de comunidade entre homens e mulheres de todas as culturas.

Nesta sequência é pertinente fazer-se uma abordagem que englobe as diferentes perspectivas, imagens ou discursos ou até contradições que caracterizaram a escola até à actualidade.

O professor Marçal Grilo, antigo ministro da Educação em Portugal, apresentou em 19 de Julho de 1996, na Assembleia da República, um «Pacto Educativo» para o futuro, do qual se podem reter algumas ideias: “ A escola tem de passar a ser o lugar nuclear do processo educativo, como realidade multiforme e poliédrica, admitindo a diversidade organizativa e a ligação do pluralismo democrático, mas exigindo sempre padrões de qualidade. (...) Temos de tornar a escola atraente mas não indiferente. Há que encontrar um equilíbrio consistente entre a transmissão e os objectivos ligados à aprendizagem de atitudes e comportamentos dos jovens”.

Será que a escola actual será que já conseguiu atingir estes ideais? Ou estará ela condicionada por contradições que constantemente a impedem de encontrar referenciais comuns de actuação?

São múltiplas as críticas dirigidas à instituição escolar e que a desafiam a mudar a sua cultura organizativa, pedagógica, relacional. A escola limita-se a ser um local de saber, a sua principal função continua a ser transmitir conhecimentos; os programas são grandes e os professores limitam-se a debitar os conteúdos, esquecendo que podem melhorar os métodos de ensino introduzindo novas práticas e adaptando o curriculum aos alunos. A escola continua dominada pelas representações e poder de cultura hegemónica; a escola ainda tem dificuldade em (re) inventar respostas para as necessidades e interesses de alunos diferentes, insistindo em privilegiar os alunos sócio-culturalmente mais favorecidos, continuando a ser selectiva e meritocrática.

Na realidade, o fenómeno de escolas de massas, a diversidade social e cultural da população escolar e a visão emancipadora e democrática da escola, aumentaram a sua complexidade como organização, trazendo-lhe uma multiplicidade de problemas de natureza epistemológica, antropológica, sociológica, política e moral que exigem novos desafios e soluções.

Nos anos 60, falava-se no assimilacionismo, em que se acreditava que a universalização do ensino poderia contribuir para a democratização da sociedade. Ensaivam-se métodos activos, considerando que todos são iguais, devendo aprender o mesmo, quer pertencessem ao grupo dominante ou fossem oriundos de grupos culturais minoritários. Existia, portanto, um sistema monocultural que segregava aqueles que não obedecessem ao modelo estandardizado. A

diversidade cultural era entendida como ameaça à cultura dominante, sendo a assimilação o único modelo possível da integração.

Por sua vez, nos anos 70, surge o integracionismo, associado à necessidade de educar para a tolerância e a convivência as pessoas pertencentes às várias culturas, criando normas legais que respeitem a diferença. Reconhece-se uma maior sensibilidade para a integração estrutural dos diferentes grupos minoritários na escola. Esta proclamação de igualdade de direitos de todos os cidadãos reproduziu desigualdades sociais e culturais.

Mais tarde, nos anos 80, defende-se e legitima-se a identidade cultural, partindo do pressuposto que todas as culturas eram iguais, mas cada grupo cultural poderia desenvolver as potencialidades do indivíduo, enculturando-o e socializando-o no seu próprio seio. Promove-se a diversidade, o pluralismo em oposição ao etnocentrismo, mas cria-se a ilusão de um trato igualitário.

Nos anos 90, enfatiza-se a Interculturalidade onde a justiça e a solidariedade são valores fundamentais no combate à xenofobia, aos estereótipos, preconceitos ou outra forma de discriminação. Respeita-se e valoriza-se a diversidade, negociando e resolvendo os conflitos de uma forma pacífica e não violenta em que a liberdade para conviver e a igualdade para viver se convertem em princípios promotores de uma educação plural. Aceita-se e valoriza-se a diferença, criando pontes para o diálogo multicultural, ético e crítico.

A escola deve definir-se, cada vez mais, como um lugar de encontro, diálogo, afecto, convivência, onde todos e cada um se sintam bem e possam participar e de intervir em actividades instrutivas/educativas, independentemente das diferenças culturais, uma escola aberta à diversidade cultural, ou seja uma escola multi-intercultural. Banks e Lynch (1986,p.23) apresentam um modelo de uma escola multicultural que ultrapassa a mera coexistência de culturas diferentes: A escola tem valores e atitudes democráticas, ou seja, não racistas; a escola tem valores que legitimam o pluralismo étnico e cultural; os procedimentos de avaliação e de selecção favorecem uma igualdade de direitos sociais e étnicos; os programas e os meios de ensino transmitem diversos pontos de vista étnicos e culturais; o pluralismo linguístico é encorajado pela escola; são utilizados procedimentos de ensino e motivações adaptados aos grupos sociais, raciais e étnicos diferentes; os alunos dos diferentes grupos sociais e étnicos têm um estatuto igual na escola; os professores e os alunos são capazes de reconhecer e combater todas as formas de racismo.

Este modelo encontra a sua eficácia quando se constituir como um processo que se traduza em relações e interacções desenvolvidas no quotidiano das escolas. O intercultural na educação

envolve toda a vida e toda a instituição escolar, implica um envolvimento de toda a organização e de toda a actividade escolar.

Assim, as mudanças significativas no campo educativo têm que ser vistas numa perspectiva do respeito pelas várias liberdades e várias culturas, envolvendo todos os intervenientes, apostando na escola como centro de mudança. Souta (1992) considera que a escola intercultural deve alicerçar-se nos seguintes pontos: “abertura ao meio; direcção participada; curriculum diferenciado; metodologias diferenciadas; disciplina centrada nas exigências da actividade e da relação social; avaliação contínua; agrupamento flexível de alunos; ensino em equipa; diversidade nos espaços pedagógicos; horários flexíveis.”

A renovação da escola deve ser entendida como um processo global em que intervêm os seguintes componentes: intenções, ou valores e finalidades que se pretendem alcançar; estrutura ou um processo organizativo desenvolvido para realizar as intenções e finalidades; curriculum, isto é, temas de estudo, margem de liberdade dos professores em relação aos temas e a sua actuação pedagógica; os meios para a concretização do curriculum e por último a avaliação, ou seja, o controlo dos fins previstos.

Perante o que foi dito anteriormente, poder-se-á dizer que a escola tem tendência a reflectir na sua estrutura muitas características do contexto multi-intercultural e por isso é importante aludir às experiências vividas. A escola que serve de base para o estudo, faz parte da Rede Nacional das Escolas Associadas da Unesco e como tal desenvolve alguns projectos dentro das seguintes temáticas: Educação/Diálogo Intercultural; promoção dos Direitos Humanos, bem como dos deveres e responsabilidades de cada um; o homem e o seu meio.

Dentro da Educação Intercultural, a escola E.B 2/3 Dr. Abranches Ferrão desenvolveu um projecto com uma escola da Argentina sobre a temática da tolerância, racismo, xenofobia. Promoveu-se um intercâmbio com duas turmas do 9º ano através do Website “Mondialogo”, onde os alunos se apresentaram e caracterizaram o seu país de origem ao nível geográfico, cultural. Daqui resultou a troca de experiências sobre os temas supra referidos, explanados num panfleto de sensibilização e igualmente uma grande relação de amizade.

Outro projecto desenvolvido foi um intercâmbio com três escolas em simultâneo, nomeadamente com a Polónia, Suécia, Bélgica, tendo tido a duração de dois anos, nos quais houve oportunidade de trocar correspondência e desenvolver actividades práticas acerca do tema da Paz mundial, bem como os hábitos culturais de cada país. Este projecto culminou com uma viagem até à Suécia, mais propriamente a uma cidade a 300Km de Estocolmo. Neste contexto, a experiência

foi mais enriquecedora, visto que se viveu e experimentou “in Loco” uma realidade educativa e cultural, diferente da nossa.

No encontro realizado anualmente, é possível concluir que em algumas escolas existe uma redução de conflitos entre alunos sociais e culturalmente diferentes e a criação de um clima de aprendizagem potenciador de uma educação para a convivência.

A escola cultural surgiu num contexto de reforma educativa e da integração de Portugal na Comunidade Europeia. De facto, pretendia-se que a esfera de acção da escola não se circunscrevesse apenas às actividades lectivas, organizadas em áreas ou disciplinas, assentes em programas mais ou menos rígidos e uniformes e com uma avaliação pouco flexível, mas a um trabalho de projecto, estruturado de forma interdisciplinar e estreita articulação com as actividades extra lectivas.

De acordo com Manuel Patrício, (1990) mentor deste projecto da escola cultural, a escola deveria alcançar, entre outros, os seguintes objectivos: Impregnar a dimensão curricular da escola da dinâmica decorrente do princípio cultural; promover a educação moral e cívica das crianças e dos jovens por meio da oferta de oportunidades educativas; favorecer subjectiva e objectivamente o enraizamento na cultura da comunidade e criar condições de satisfação e felicidade aos actores do drama escolar, sobretudo aos alunos e professores, permitindo-lhes fazer livremente e com exigência própria e comum de qualidade algo de que gostem profundamente.

As experiências da escola cultural, nos tempos modernos, enfatizam ou não estes aspectos? Como reagem os sujeitos que são envolvidos diariamente neste processo?

1.1.5– As características de uma cultura docente numa escola intercultural

Tendo em conta os quatro pilares da educação para o século XXI, apresentados por Jacques Delors, a escola do nosso tempo precisa promover o conhecimento das maiorias, mas também das minorias, o respeito pelo Outro, pela diferença e pela diversidade, o conhecimento recíproco, a educação para a prevenção da violência, a aprendizagem cooperativa, lutando contra a xenofobia e intolerância. Daqui surge a preocupação de encontrar a forma de transformar a escola que ainda reproduz em algumas situações preconceitos e estereótipos, que exclui os que nele não se adequam, num espaço no qual se construa a cidadania plural, em que diferentes pessoas, de diversas culturas e vozes interajam, sem que as suas diferenças sejam motivo de opressão.

Este estudo procura identificar como é que os docentes devem apreender na sua função a influência da diversidade cultural, ou seja, como é que eles promovem a liberdade e a valorização das diferentes culturas convergentes no espaço aula e no contexto escolar.

Para melhor entender a institucionalização da educação intercultural, é importante fazer um enquadramento histórico que nos permite entender melhor novos conceitos característicos da cultura europeia e até mundial. A educação e a cultura são os únicos pilares duráveis da paz e da segurança humana. Neste âmbito, a relação entre as duas categorias foi mudando ao longo dos últimos anos. É imperioso atender as recomendações do Conselho da Europa, ou seja, no sentido de se evitarem os perigos que possam resultar da marginalização daqueles que não possuem capacidades necessárias para comunicarem numa Europa interactiva.

A cultura dominante nas salas de aula é a que corresponde à visão de determinados grupos sociais: nos conteúdos escolares e nos textos aparecem poucas vezes a cultura popular, as subculturas dos jovens, as contribuições das mulheres à sociedade, as formas de vida rurais, e dos povos desfavorecidos, o problema da fome, do desemprego ou dos maus tratos, o racismo e a xenofobia, as consequências do consumismo e muitos outros temas problemas que parecem “incómodos”.

A análise do quotidiano escolar de diferentes escolas tem evidenciado claramente a pertinência destas afirmações. A cultura escolar predominante nas nossas escolas revela-se, muitas vezes, pouco permeável ao contexto em que se insere, aos universos culturais das crianças e jovens. Parece que o sistema público de ensino, nascido no contexto da modernidade, assentado no ideal de uma escola básica a que todos têm direito e que garanta o acesso a todos dos conhecimentos sistematizados de carácter considerado "universal", além de estar longe de garantir a democratização efectiva do direito à educação e ao conhecimento sistematizado, terminou por criar uma cultura escolar padronizada, formal, pouco dinâmica, que enfatiza processos de mera transferência de conhecimentos, quando esta de facto acontece, e está referida à cultura envolvente.

A dinâmica cristalizada na cultura escolar apresenta uma enorme dificuldade de incorporar os avanços do desenvolvimento científico e tecnológico, as diferentes formas de aquisição de conhecimentos, as diversas linguagens e expressões culturais e as novas sensibilidades presentes de modo especial nas novas gerações e nos diferentes grupos culturais. Os processos de aquisição-construção-desconstrução-reconstrução do conhecimento, em profunda crise na sociedade actual, onde caminhos e linguagens diversificadas se impõem, aparecem no dia-a-dia das salas de aula de modo homogéneo e repetitivo, através de formas estereotipadas, na grande maioria das situações.

Chama atenção quando se convive com o quotidiano de diferentes escolas, como são homogêneos os rituais, os símbolos, a organização do espaço e dos tempos, as comemorações de datas cívicas, as festas, as expressões corporais, etc. Mudam as culturas sociais de referência mas a cultura da escola parece gozar de uma capacidade de se auto-construir independentemente e sem interagir com estes universos.

Os/as educadores/as não poderão ignorar, neste momento, as difíceis questões do multiculturalismo, da raça, da identidade, do poder, do conhecimento, da ética e do trabalho que, na verdade, as escolas já estão a enfrentar. Essas questões exercem um papel importante na definição do significado e do propósito da escolarização, do que significa ensinar e da forma como os/as estudantes devem ser ensinados/as para viver em um mundo que será amplamente mais globalizado.

Quando se fala da questão da cultura docente numa escola intercultural, é importante reforçar que a cultura é vista como um processo dinâmico através do qual a vida social ganha algum sentido, ou seja, que permite conhecer melhor os modos de vida de um grupo social, as suas formas de agir e de pensar, as suas condutas efectivas e as representações sociais. A cultura docente numa escola intercultural deve ter na sua essência a vontade expressa de fomentar nos educadores uma consciência moral, profissional e comunitária que contribua para extinguir as desigualdades sócio-económicas e exclusões culturais em direcção à emancipação individual e colectiva.

Deste modo, no contexto escolar, os professores, pais e alunos constroem e reconstruem as suas próprias culturas por identificação com modelos e por demarcação com a alteridade, as diferenças constatadas noutros. A identidade de cada sujeito pode implicar uma certa continuidade e uma relativa homogeneidade, não excluindo, porém, a multiplicidade e uma dinâmica entre forças de assimilação e de diferenciação.

É nesta perspectiva que se pode falar de um professor multicultural, que, segundo Stoer (1994) deve pautar a educação inter/multicultural vista como filosofia educativa ou como um projecto a desenvolver nesta época da globalização. Os contextos multiculturais exigem que o ensino e a educação se dirijam a um público específico num determinado país, comunidade ou localidade, mas sem perder de vista uma concepção de universalismo cultural, aberto e tolerante. A incorporação da diversidade cultural nas escolas e nas comunidades deve potenciar um pensamento transcultural e um caminho para a coesão social., isto é, os contextos multiculturais não se caracterizam apenas pelo predomínio de uma cultura, mas por uma concepção dinâmica e integradora de outras culturas em que o direito à diferença tem estatuto de legitimidade.

Compreende-se a educação intercultural, como um processo de relações humanas, capaz de interpretar as diferenças e as identidades culturais, presentes na vida quotidiana, dentro de uma realidade escolar. As relações entre pessoas de diferentes culturas vão produzir encontros, confrontos, pois as mesmas palavras, gestos e atitudes ganham uma pluralidade de significados que marcam um espaço onde há possibilidade de desfazer alguns preconceitos e até estereótipos.

Porém, esta perspectiva não será tão linear, visto ser importante compreender as reacções, as atitudes dos professores relativamente às mudanças culturais que envolvem a escola num processo de constante adaptação às sucessivas reformas. Carneiro (1987), consciente do clima de insatisfação dos docentes portugueses, numa entrevista ao semanário Expresso, em 12 de Dezembro, afirma:” Vamos ter que criar condições materiais, profissionais, sociais e humanas mais dignas para a profissão docente.” Actualmente, vários estudos sociológicos permitem identificar alguns indicadores que estão na base do descrédito, do desinvestimento e do mal - estar docente.

A grande questão que se coloca prende-se com a forma como é que se pode transformar o espaço escolar que ainda vai reproduzindo preconceitos e estereótipos, que exclui, em algumas situações, os que nele não se adequam, num espaço no qual se construa uma cidadania plural, na qual diferentes pessoas, de diversas culturas e vozes interajam, sem que as suas diferenças sejam motivo de opressão.

Será que um professor que tenciona desenvolver um processo educativo, precisará ter diferentes tipos de conhecimento de múltiplas culturas? A compreensão da sociedade multicultural, pelo professor, contribuirá para a inclusão social dos alunos?

Este trabalho procura identificar as diferentes faces da interculturalidade no contexto escolar e por isso é pertinente verificar como que os agentes educativos respondem ou devem reagir a esta nova abordagem. Hoje, sob a influência dos vários códigos culturais, os educadores vêem-se obrigados a educar para a competitividade e o sucesso individual, descurando, por vezes, os laços de solidariedade. Todo o conhecimento organizado obedece a um paradigma e o que nele não se enquadra é rejeitado.

São vários os autores que afirmam que a integração/inclusão dos alunos minoritários na escola e na sociedade, depende, de algum modo, das concepções que os professores possuem e das atitudes que manifestam face às culturas minoritárias. Jordán (1994,pp.29-36) identifica três tipologias de professores, a saber: - Aqueles que concebem a cultura de origem dos grupos minoritários como algo que dificulta a sua integração na escola e na sociedade. Aceitam a teoria da cultura como «erva daninha», razão importante que justifica o baixo nível socioeconómico e da

falta de rendimento escolar, levando a que elementos das culturas minoritárias, como por exemplo, a língua, sejam impedidos ou excluídos do espaço escolar de aprendizagem. Esta visão pode conduzir a uma elaboração de programas de educação compensatória e/ou rejeição, por parte dos alunos da sua cultura de origem e/ou a uma cultura de resistência face aos valores, procedimentos e atitudes da cultura maioritária; - Aqueles que manifestam alguma sensibilidade perante a linguagem e a cultura dos alunos pertencentes a grupos minoritários incluindo, ocasionalmente, alguns dos seus elementos escolares no seu curriculum escolar; - Aqueles que se mostram muito sensibilizados pelas culturas minoritárias, acolhendo, respeitando, e valorizando os seus valores e modos de vida no interior da escola, mas frequentemente defendem o «puro relativismo cultural». Esta visão pode aproximar-se da educação intercultural. Contudo, é necessário criar pontes, ou seja, dispositivos pedagógicos interculturais que propiciem a permeabilidade entre valores, saberes e modos de vida das culturas minoritárias e maioritárias.

Perante esta análise, poder-se-á dizer que esta classificação constitui um bom referente da situação actual dos professores no que diz respeito à informação e formação sobre a integração escolar dos alunos culturalmente diferentes. A maioria dos professores não está preparada para enfrentar os desafios da integração sociocultural dos alunos pertencentes às culturas minoritárias. A cultura profissional dos docentes continua, muitas vezes, prisioneira de concepções e modelos educativos configurados pela cultura maioritária. Consta-se, por parte de alguns professores, que preferem trabalhar com alunos com características semelhantes, uma vez que a planificação das aulas e as metodologias a usar são iguais para todos.

Na verdade, estes procedimentos utilizados pelos professores e legitimados pela sociedade, a pretexto de um maior rendimento escolar por parte dos alunos, têm favorecido a homogeneização do ensino, ocultando as diferenças culturais e agudizando as diferenças sociais entre os indivíduos. Vieira (1999), fazendo uma análise de vários estudos sobre as diferenças culturais e o tratamento diferenciado dos alunos na sala de aula, concluiu que os alunos seriam extremamente beneficiados se os professores atendessem às suas experiências prévias e à cultura da sua comunidade de origem. Acrescenta, também, que os professores diferenciam negativamente os seus alunos, contribuindo para agravar as desigualdades de informação e outras capacidades que estes possuem quando iniciam a escola.

Nesta sequência, torna-se evidente que os professores têm de aprender novas competências face à heterogeneidade social, cultural e linguística dos seus alunos, ou seja, estar sensibilizados para as culturas minoritárias. Não obstante, uma mudança de atitude não depende só dos professores. As políticas educativas emanadas de organismos internacionais e nacionais, bem

como a implementação de programas e acções educativas interculturais são elementos fundamentais em todo o processo.

O trabalho docente é cada vez mais caracterizado por um mundo de incertezas, complexidades, instabilidades e até por um conflito de valores. Frequentemente, os professores perante situações reais de ensino, vivenciam situações de incapacidade e impreparação para ultrapassar os obstáculos, medos, problemas, que se lhes deparam. A multiplicidade de tarefas com que são confrontados diariamente é cada vez maior.

É verdade que nestas últimas décadas, vários países têm integrado no interior dos seus sistemas educativos experiências-piloto ligadas à educação inter/multicultural. Muitas escolas e professores têm assumido combater as desigualdades educativas e o insucesso escolar, inventando soluções para os problemas de integração sociopedagógica das crianças pertencentes a grupos culturais minoritários.

Nas conclusões finais da investigação – Escola e as Culturas -, publicada pela OCDE (1989, p.83), constata-se o seguinte: “-Os alunos que não pertencem aos grupos maioritários são em geral prejudicados ao nível escolar (apesar de algumas excepções) e não obtêm resultados de um nível médio equivalente ao dos outros alunos; de facto eles não têm as mesmas perspectivas de sucesso que os outros; - A maior parte das iniciativas adaptadas nas escolas para corrigir esta situação não deram os resultados esperados; alguns programas de educação multicultural revelaram-se relativamente ineficazes.”

De facto, não basta desenhar bons programas interculturais, pois é também importante, criar condições nas escolas e simultaneamente, desenvolver políticas económicas, sociais, educativas e culturais que favoreçam os grupos minoritários e que estabeleçam pontes e práticas dialógicas entre grupos minoritários e os grupos maioritários.

Os diferentes cenários multiculturais são diferentes em cada país, região ou comunidade e por isso são colocados novos desafios aos profissionais de educação que em paralelo encontram dilemas ou problemas. Porém, é importante destacar alguns eixos comuns que condicionam a implementação de uma verdadeira educação intercultural: - a diversidade cultural e linguística que cria situações de incomunicação, ou seja, actualmente, o professor vê-se confrontado com o pluralismo de línguas e culturas, obrigando-se a encontrar outros canais de comunicação; - a integração de alunos minoritários e a relação escola-família, que se reflecte num certo desencanto entre as expectativas e representações da família em relação à escola; - a formação inadequada dos professores para a escola multicultural, visto que, muitas vezes, os programas de formação são dirigidos quase exclusivamente a professores voluntários, para os que são mais sensíveis para a

diversidade cultural ou então as iniciativas relacionadas com a preparação do pessoal docente para a educação intercultural, são pontuais e superficiais, servindo, muitas vezes, para resolver alguns problemas concretos, esquecendo o facto de os alunos maioritários viverem numa sociedade multicultural.

Neste âmbito torna-se, igualmente, fundamental abordar alguns dilemas que são colocados aos professores quando trabalham em contextos multiculturais. O primeiro prende-se com o facto de o professor tratar as diferenças socioculturais de acordo com as suas convicções pessoais ou tenta submeter-se às concepções de diferença veiculadas pela escola? Ora, de acordo com alguns estudos sobre esta problemática (Cardoso, 1993), conclui-se que as concepções e as práticas dos professores em escolas multiculturais traduzem-se em princípios formais de igualdade de oportunidades, esquecendo que a organização de escola e a pedagogia intercultural podem ser relevantes para combater as desigualdades educativas e respeitar as diferenças a nível cognitivo, afectivo e social dos seus alunos. O segundo dilema relaciona-se com a capacidade de se gerir uma turma valorizando todas as culturas ou de se ignorar a vez e a voz dos grupos minoritários. Há percepção de que alguns professores continuam a sonhar com turmas homogéneas esquecendo as diferenças culturais, os estilos de aprendizagem e os modos de vida dos alunos minoritários. O terceiro dilema tem a ver com a necessidade de desenvolver um curriculum comum/compreensivo – intercultural ou submeter-se a curriculum oficial. Não é fácil delinear programas educativos que respeitem simultaneamente a cultura dos grupos minoritários e maioritários, mas não é de todo impossível adoptar um curriculum global e integrador da diversidade cultural, direccionado para os alunos num determinado contexto, ou seja um curriculum que inclua e não exclua a diversidade cultural.

A escola actual apresenta, nos nossos dias e apesar dos problemas e dilemas que se colocam aos seus agentes, uma dinâmica que lhe permite, gradualmente, repensar e reflectir sobre os processos de comunicação e interacção entre os vários parceiros de forma a valorizar a riqueza sociocultural. Daqui surge o paradigma da formação no âmbito da educação intercultural dos professores, vista como base fundamental para a compreensão das sociedades multiculturais.

Perante a caracterização de uma cultura de escola imbuída por diferentes atitudes, concepções sobre a interculturalidade, a formação contínua é vista como a pedra chave que ajuda os docentes a viverem e reformularem a sua prática diária às exigências inerentes à diversidade cultural. Até que ponto é que se pode falar já de um professor inter/multicultural? Qual o perfil desejável para ajudar a implementar uma verdadeira educação intercultural?

De acordo com Peres (2000,p.282) os princípios estruturantes de um professor inter/multicultural podem ser os seguintes: - Ter atitudes prático-reflexivas e críticas, educador de direitos humanos, orientador, construtor e companheiro; - Encarar o pluralismo cultural (choque e diálogo de culturas) como enriquecimento para o processo de ensino aprendizagem; - Defender um curriculum aberto e flexível, adaptado ao contextos multiculturais, reconhecendo a importância do curriculum oculto e do saber em construção; - Promover o diálogo e a colaboração (pedagogia interactiva) com os grupos minoritários e com os grupos majoritários, defendendo um projecto social; - Defender a emancipação cultural e a reconstrução social, fomentando o principio da igualdade para viver e diversidade para conviver.

Porém, não basta definir o perfil do professor intercultural, é imperioso construir referenciais de Formação que respondam a os desafios da educação intercultural. A escola tornou-se um local privilegiado de comunicações interculturais e por isso como diz Touraine (1998, p.228) “se nos fecharmos num relativismo cultural extremo, somos levados a desejar a separação de culturas definidas pela sua particularidade e, logo, a construção de sociedades homogêneas.”

A Interculturalidade implica uma postura de abertura e disponibilidade para com o Outro e também uma aceitação activa da diversidade na qual a partir do desejo de ultrapassar o medo do desconhecido seja convertida numa troca enriquecida pelo diálogo. Será que os professores estarão conscientes da necessidade de trabalhar sobre si mesmos, rever as suas biografias para que consigam viver na dimensão que é exigida pelas práticas educativas que orientam a educação inter/multicultural? O caminho está delineado e manifesta alguns sinais de vitalidade na procura equilibrada de uma cultura contra-hegemónica. Não basta os modelos educacionais servirem como referência e adaptados aos novos contextos multiculturais, mas é necessário que cada educador/professor seja receptivo à mudança e transforme o acto de ensinar numa prática flexível, aberta à diferença.

A crescente diversificação cultural nas escolas, a necessidade constante de acolher alunos estrangeiros e nacionais com vivências culturais diferentes, justificam a aposta na formação dos professores. De acordo com Vieira (1999, p.152), “ para se ter consciência da multiculturalidade na sala de aula é preciso estar-se sensível para observar, para ouvir e para investigar os alunos com que se trabalha.” O professor deve investigar para agir, deve valorizar as experiências e a pessoa do aluno, deve tirar partido da diversidade para criar contextos de interculturalidade, deve construir a ponte entre os saberes quotidianos e o currículo escolar.

Capítulo II - Estudo Empírico

2.1 – Objectivos/ Questões de Investigação

O papel das escolas na nossa sociedade tornou-se cada vez mais complexo. O novo contexto social decorrente da nossa integração na União Europeia, de alguns processos migratórios e da crescente globalização exigem uma maior flexibilização e abertura do processo e comunidade educativas.

Educar para a cidadania implica conhecer e transformar a sociedade envolvente numa comunidade solidária, participativa e respeitadora da interculturalidade. A humanidade, vive hoje uma fase nova da sua história, pois as sucessivas mudanças têm tido uma repercussão em todos os sectores da vida humana, quer individual, quer colectiva.

Sendo a escola um espaço de aprendizagens sucessivas a diferentes níveis, é importante reflectimos até que ponto é as nossas crianças a conseguem transformar num “habitat” harmonioso, onde as diferenças culturais, étnicas, religiosas se conjuguem num todo.

A Europa, no sentido histórico, é uma cultura, uma população estruturalmente dinâmica e multicultural. A educação na Europa de hoje, está condicionada pelos problemas e as necessidades dos cidadãos em formação que tentam encontrar uma profissão dentro das condições e prioridades locais e regionais. Deste modo, quando se fala de educação, é importante falar da possibilidade que cada pessoa tem em permanecer no lugar da sua cultura de origem, sem grandes convulsões ideológicas, económicas, laborais, familiares ou então estar sujeito a mobilidades geográficas e sociais. A Escola deve preocupar-se com a interacção e a comunicação entre todos os seus elementos, na busca da compreensão e responsabilidade e na tentativa de levar os alunos a ler e interpretar criticamente todos os factos sociais. A aprendizagem torna-se verdadeira e significativa quando se realiza com dados concretos da realidade envolvente, visto serem eles que estimulam a maturação intelectual e favorecem o desenvolvimento da personalidade.

Num contexto de diversidade cultural, torna-se importante ressaltar dois aspectos essenciais: - a interculturalidade é um valor que traduz o princípio da alteridade humana; o contexto escolar deve espelhar no seu todo, as diferentes identidades culturais representadas por sujeitos próprios, nomeadamente os alunos e professores.

O tema da Interculturalidade numa escola de valores enriquece o contexto onde os diferentes sujeitos estão integrados. As mutações sociais e culturais configuram a escola num espaço onde se torna importante compreender e respeitar os outros, as suas identidades.

No dealbar de uma civilização globalizada, o mundo é sem dúvida, o reflexo de um arco-íris que procura dar oportunidade a todos para se manifestarem, tendo em conta a sua riqueza cultural, social, religiosa e outras. Assim sendo, o relativismo que caracteriza as sociedades actuais remete-nos para uma reflexão séria e pertinente acerca da dimensão intercultural nos diferentes espaços sociais, nomeadamente na escola, enquanto agente de educação para os valores. Os alunos nas suas etapas de crescimento vão atingindo a capacidade de reflectir criticamente sobre os fenómenos que os rodeiam. A escola enquanto espaço cultural deve promover a complementaridade nas diferenças, deve ajudar a manter as raízes culturais de cada pessoa e dá-las a conhecer de modo a suscitar um enriquecimento a diferentes níveis.

Se a interculturalidade tem várias faces, várias manifestações, como é que elas se enquadram no contexto actual de uma escola do presente? Este trabalho tem os seguintes **objectivos**:

- Estabelecer uma relação entre o papel da escola na sociedade em mudança e as diferentes manifestações da interculturalidade;

- Conhecer a dimensão da interculturalidade/ multiculturalidade na prática pedagógica dos professores.

O trabalho na sua estrutura procurará responder às seguintes questões:

- 1. Até que ponto é que os sujeitos activos do sistema educativo, nomeadamente os professores, reflectem na sua prática pedagógica a educação intercultural?*
- 2. Quais as suas expressões no contexto escolar?*
- 3. Quais os obstáculos ou condicionalismos que interferem na implementação da Educação intercultural?*
- 4. Quais os passos a dar para se ultrapassarem as dificuldades?*

Assim, este trabalho de investigação procura centrar as suas atenções na interpretação da prática pedagógica dos professores perante um contexto intercultural.

2.2 – Metodologia

Este estudo consiste num estudo de caso qualitativo, tendo como ponto de partida, alguns exemplos de integração de alunos provenientes de outras culturas no meio escolar, pressupondo a sua relação com os agentes educativos, nomeadamente com os professores. Um estudo de caso em educação é uma pesquisa empírica conduzida numa situação circunscrita de espaço e de tempo, centrada em facetas interessantes de uma actividade, instituição, em contextos naturais e respeitando as pessoas com o objectivo de fundamentar juízos e decisões dos práticos, possibilitando a exploração de aspectos relevantes, a formulação e verificação de explicações pertinentes e plausíveis sobre o que se encontrou ou a sua relação com temas da literatura científica de referência (Afonso, 2005). O objectivo de estudo de caso é recolher uma observação aprofundada que permita alcançar uma decisão clara, promotora de uma boa compreensão do problema, de um tema, de um grupo (Arends, 1997).

Bogdan e Biklen (1994) destacam cinco características da investigação qualitativa: (1) a fonte directa de dados é o ambiente natural e o investigador é o instrumento principal da recolha de dados; (2) os dados recolhidos são descritivos (são em forma de palavras ou imagens e não de números); (3) o investigador centra mais o seu interesse nos processos de que nos resultados ou produtos; (4) a análise dos dados é feita pelo investigados de uma forma indutiva, na medida em que os dados recolhidos não se destinam a confirmar ou a infirmar hipóteses construídas previamente sendo as ilações construídas à medida que os dados recolhidos vão sendo agrupados; (5) o investigador interessa-se por compreender o significado que os participantes atribuem às suas experiências, de modo a entender a dinâmica interna das situações, normalmente imperceptível por observadores exteriores. Estas características, apesar de não poderem estar presentes de igual modo num estudo, influenciam o tipo de investigação que está a ser feita.

2.2.1 – Técnicas de Recolha de dados

O esquema de investigação qualitativa é definido, segundo Bravo e Catalán, (1993) como “aberto, flexível e emergente”, visto que permite a utilização de uma multiplicidade de técnicas e de métodos, uma vez que a complexidade das sociedades contemporâneas é cada vez mais visível e por isto os estudos têm que ser feitos com maior acuidade. Esta diversidade de métodos poderá

dar resposta a algumas questões que possam surgir e que a investigação quantitativa pode descurar. Neste tipo de investigação não há a preocupação de generalizar resultados, superando, portanto, algumas das limitações dos métodos quantitativos, visto que quando se trata de professores não se podem fazer generalizações, nem se coloca o problema da validade (interna e externa) dos instrumentos, sendo o investigador, um “ instrumento” de recolha de dados.

a) Análise Documental

A pesquisa documental é uma das técnicas relevantes para a pesquisa em Ciências Sociais e Humanas. Saint-Georges (1997) considera a técnica de análise documental como método de recolha e de verificação de dados.

A análise documental incidiu sobre o Projecto Educativo e o Plano Anual de Actividades com o objectivo de recolher informação para a caracterização do contexto e do estabelecimento de ensino, bem como para a elaboração do guião das entrevistas.

b) Entrevista

A entrevista semi-estruturada, foi realizada com alguns professores do contexto educativo em estudo, tendo conta as diferentes formações académicas e os lugares que ocupam na organização pedagógica deste mesmo contexto. Esta técnica, permitiu aprofundar, conhecer e entender uma informação comum do grupo dos professores, sem pôr em causa a posição de cada um, ou seja, as diferentes perspectivas acerca das exigências da educação intercultural no contexto escolar e a manifestação na prática pedagógica. Foram também entrevistados dois alunos de anos de escolaridade e origens culturais diferentes, com o objectivo de se compreender a sua percepção acerca daquilo que a escola desenvolve para promover a sua integração.

As entrevistas semi-estruturadas foram conduzidas a partir de um guião que constituiu o instrumento da gestão da entrevista. Autores como Patton, (1980) e Goetz e LeCompte, (1989), recomendam a elaboração de um guião prévio de «assuntos» ou «temas» a tratar para focalizar a entrevista nas questões mais relevantes para a investigação. Segundo Afonso (2005), o guião deve ser construído a partir de questões de pesquisa e eixos de análise do projecto de investigação. A estrutura típica tem um carácter matricial, em que a essência da entrevista é organizada por objectivo, questões, itens ou tópicos. No contexto deste estudo, a construção dos dois guiões de entrevista semi-estruturada teve em vista compreender e aprofundar a dimensão da

interculturalidade na prática pedagógica dos professores. Cada guião é composto por vários itens aos quais correspondem questões orientadoras de forma a evitar desvios em relação aos objectivos definidos para este estudo.

As questões das duas entrevistas foram elaboradas no sentido de uniformizar os dados. Utilizou-se o seguinte esquema para a elaboração das entrevistas aos professores e alunos, de acordo com o exemplo de Estrela, 1986:

- 1º- Formulação do tema, de forma sintética e explícita;
- 2º- Definição dos objectivos gerais;
- 3º - Definição dos objectivos específicos a partir dos objectivos gerais.

Entrevista aos professores:

1- Tema: *A dimensão da interculturalidade na prática pedagógica dos professores*

2- Objectivos gerais:

- 1º - Recolher elementos sobre as manifestações da interculturalidade na prática pedagógica dos professores;
- 2º - Identificar as condições para que a educação intercultural seja implementada verdadeiramente no contexto educativo;

3- Objectivos específicos:

- 1º - Compreender o significado da interculturalidade na prática pedagógica dos professores;
- 2º - Identificar as experiências pedagógicas mais relevantes no âmbito da educação intercultural.

4- Itens a abordar na entrevista aos professores:

- Nome
- Cargo que desempenha na escola
- Grupo disciplinar
- Níveis de ensino
- Cultura
- Interculturalidade, o seu significado, suas condições e manifestações no contexto escolar
- Interculturalidade e estrutura pedagógica
- Educação Intercultural, potencialidades e constrangimentos no contexto escolar

-Identidade cultural

-Desafios para a implementação da educação intercultural

Com base nestes itens elaboraram-se as seguintes **questões orientadoras**:

1. Tendo em conta, os objectivos deste estudo, poderia dizer-me o que entende por cultura?
2. O tema da interculturalidade, significa alguma para si? Se sim, ele se traduz na escola actual?
3. Considera que a escola na sua estrutura pedagógica está preparada para receber os alunos provenientes de diferentes culturas?
4. Conte-nos um pouco da sua experiência relativamente aos diversos contactos que já estabeleceu com alunos vindos de outros países.
5. Quando se fala de Educação Intercultural, o que é que acha que poderia ser feito mais aos nível da escola para que esta fosse uma realidade mais concreta?
6. Considera que a integração numa comunidade de acolhimento, como é caso da escola, implica a perda de traços identitários?
7. Como é que cada um de nós pode contribuir para que o contexto educativo se torne mais cooperativo e receptivo às novas aprendizagens e ao reconhecimento dos direitos efectivos dos que são integrados?

Entrevista aos alunos:

1- Tema: *A integração no contexto multi/intercultural*

2- Objectivo geral:

1º - *Identificar dificuldades/facilidades de integração no contexto educativo*

3- Objectivos específicos:

1º - *Recolher dados sobre a relação pedagógica*

2º - *Identificar as actividades que favorecem a sua integração no contexto educativo*

4- Itens a abordar na entrevista aos alunos:

- Idade

- Ano de escolaridade

- País de origem

- Dificuldades e facilidades na integração escolar

-Actividades que favorecem a sua integração

Com base nestes itens elaboraram-se as seguintes **questões orientadoras**:

1. Qual o seu país de origem? Ainda se lembra de algumas vivências passadas?
2. Considera a escola importante para o seu crescimento como pessoa? Em que aspectos?
3. Quando veio para Portugal, quais foram as principais dificuldades que sentiu ao ser integrado no novo contexto?
4. Quais foram os aspectos ou factores que favoreceram essa integração?
5. No contexto de escola, cada vez mais caracterizado pela diversidade cultural, qual a importância que os professores têm?
6. Daquilo que conhece do plano anual de actividades e das turmas onde tiveste inserida, houve alguma actividade que ajudou a reconhecer os teus aspectos como pessoa, bem como as características da tua cultura do teu país de origem?

2.2.2 – Procedimentos

A implementação do estudo empírico decorreu em cinco fases principais:

- 1) Escolha do local de investigação (adequada aos objectivos do estudo): uma escola situada no concelho de Seia.
- 2) Obtenção de acesso (que corresponde à fase em que se estabelece o contacto e se negocia com os sujeitos a entrevistar): o acesso à escola foi possível através do contacto com a Directora da referida escola e pelo facto de me encontrar a leccionar na mesma.

No de 3 de Novembro de 2009, dirigi-me à Direcção da escola, com o objectivo de solicitar dois documentos importantes da estrutura pedagógica da escola: Projecto Educativo e Plano Anual de Actividades, os quais me foram facultados, provisoriamente, visto que o primeiro iria sofrer alterações na sua estrutura interna. Procedeu-se à consulta e análise dos referidos documentos a partir dos quais foi possível caracterizar o contexto social, geográfico, económico onde a escola está inserida, o número de turmas, proveniência dos alunos, bem como os grandes eixos de intervenção prioritária ou finalidades a atingir ao longo de três anos: 2010-2013. Verificou-se, igualmente que a escola reflectia a preocupação de se abrir à sociedade actual e às vicissitudes, isto é, existia um esforço conjunto da parte do pessoal docente, pelos projectos e actividades a desenvolver, para a promoção de uma cidadania activa e participativa. É de salientar que os referidos

documentos foram analisados, de forma definitiva, no dia 4 de Janeiro de 2010. A 25 de Janeiro de 2010, informei a Directora da escola da intenção de realizar um estudo sobre a dimensão da interculturalidade/multiculturalidade na prática pedagógica dos professores, bem como a metodologia a usar e os objectivos pretendidos, sobre o qual mostrou muita receptividade. Posteriormente foi-me dito que elaborasse um requerimento dirigido à Direcção da escola para a formalização dos procedimentos necessários.

- 3) Selecção das pessoas a entrevistar: foi feita uma prévia selecção dos sujeitos, nomeadamente, a Directora de Escola, o Subdirector, a Coordenadora dos Directores de Turma, uma Directora de Turma do 2º ciclo, uma professora do 1º ciclo e por último dois alunos, um do sexo masculino, de origem búlgara, que frequenta o 5º ano e outra do sexo feminino, de origem alemã, que frequenta o 8ºano de escolaridade. Após um diálogo estabelecido com estes docentes, definiu-se melhor o guião de entrevista de acordo com os objectivos de estudo e procedeu-se a concretização do mesmo, com a gravação em sistema de áudio. Relativamente aos dois alunos supracitados, foi elaborada e enviada uma carta para os respectivos Encarregados de Educação para darem autorização para a realização da entrevista, à qual responderam afirmativamente, dando o seu consentimento.
- 4) Recolha de dados: Foram realizadas cinco entrevistas a cinco professores em períodos diferentes, de acordo com a sua disponibilidade, bem como a entrevista a dois alunos, um de origem búlgara e outro de origem alemã. Salienta-se que o aluno búlgaro realizou a entrevista na presença da Encarregada de Educação para facilitar o processo de comunicação, devido à língua que ainda não dominava muito bem.

2.2.3 – Caracterização da escola

A Escola Básica do 2º e 3º ciclo Dr. Abranches Ferrão, sede do Agrupamento como o mesmo nome, é uma escola de construção relativamente recente, que data de 1995 e localiza-se numa área natural e agrícola, onde praticamente não existe construção. Assumiu desde o ano de 1997 projectos e programas que ainda hoje lhe conferem algumas particularidades, a título de exemplo, o programa Eco-Escolas, tendo recebido sempre o respectivo galardão e bandeira verde, sendo também uma escola associada da Unesco desde 1998. Esta escola fica situada no sopé da Serra da Estrela numa zona de colinas de baixo-relevo, sendo confrontada a Norte pela aldeia da Arrifana e pelo aeródromo municipal, a Sul pela cidade de Seia, a Este pela Aldeia de Vodra e a Oeste pela Zona Industrial de Seia. O enquadramento rural da escola deve-se ao facto de se

encontrar situada no limite Norte da Freguesia de Seia, que é uma Zona predominantemente agrícola. Funciona nas imediações desta escola, um pólo do Instituto Politécnico da Guarda, mais concretamente a Escola Superior de Turismo e Telecomunicações de Seia. O número de turmas como consequência directa da variabilidade de população em idade de escolaridade obrigatória e ainda de acordo com os normativos legais que consagram a constituição de turmas tem sofrido variações. A Escola, no presente ano lectivo, tem 16 turmas a funcionar, sendo duas delas, “turmas com percursos curriculares alternativos”.

Quadro 1:

Pessoal docente existente no Agrupamento e nos diferentes níveis de ensino:

Nível de educação	Quadro de Agrupamento	Quadro de Zona Pedagógica	Contratado	Total
Pré-escolar	6	6	-----	12
1º Ciclo	15	-----	-----	15
2ºCEB e 3ºCEB	56	9	12	77

Dentro da estrutura pedagógica da escola, destaca-se a Direcção da escola, como órgão mobilizador para a implementação de uma educação intercultural mais efectiva; a Coordenadora dos Directores de Turma, como membro capaz de apreender as diferentes turmas e as suas características e os seus projectos curriculares; uma directora de turma do 2º ciclo com experiência ao nível dos projectos desenvolvidos neste âmbito; uma docente do 1º ciclo para ajudar a compreender a atitude perante a diversidade cultural numa determinada fase da vida escolar.

2.2.4 – Caracterização do contexto

Como foi referido anteriormente, a escola como instituição em constante relação com a comunidade envolvente, tem o dever de reflectir na sua estrutura organizacional e pedagógica, a sociedade multicultural que a envolve. Cada vez mais e principalmente nos últimos cinco anos, o contexto que serve de base para este estudo, foi respondendo progressivamente às exigências de um mundo global, ou seja, às migrações de Leste, suscitaram novos desafios aos quais a escola procurou responder de várias maneiras, como por exemplo através de projectos, da abertura de toda a comunidade educativa, essencialmente do pessoal docente.

Como escola que pertence à Rede Nacional das escolas associadas da Unesco, tem nos seus princípios e valores a necessidade de promover a educação intercultural, de valorizar e de respeitar a identidade dos alunos provenientes da Alemanha, Bulgária, Brasil, Bielorrússia. A escola tem tendência a reflectir na sua estrutura muitas características do contexto multi/intercultural e por isso é importante aludir às suas experiências vividas. Como escola associada da Unesco desenvolve alguns projectos dentro das seguintes temáticas: Educação/Diálogo Intercultural; Promoção dos Direitos Humanos, bem como dos deveres e responsabilidades de cada um; o Homem e o meio.

De acordo com alguns dados recolhidos do Projecto Educativo e Plano Anual de Actividades, a escola, no âmbito da Educação Intercultural, desenvolveu dois projectos nos anos lectivos de 2005/2006 e 2006/2007. O primeiro foi com uma escola da Argentina sobre a temática da tolerância, racismo e xenofobia. Promoveu-se um intercâmbio com duas turmas do 9ºano através do Website “Mondialogo”, onde os alunos se apresentaram e caracterizaram o seu país de origem ao nível cultural e geográfico. Daqui resultou a troca de experiências sobre os temas supra referidos, apresentados em folheto de sensibilização. O outro projecto desenvolvido ao longo de dois anos, foi um intercâmbio com três escolas, nomeadamente da Polónia, Suécia, Bélgica, no qual houve a oportunidade de trocar correspondência e desenvolver actividades práticas acerca do tema da Paz mundial e dos hábitos culturais dos países envolvidos.

2.3 – Tratamento e apresentação dos resultados

Neste estudo, principalmente na fase inicial, todos dados recolhidos foram registados num caderno e, posteriormente, num computador, utilizando um programa comum para elaborar o texto. Após o registo dos dados recolhidos, isto é, depois de ter transcrito as entrevistas efectuadas, chega o momento de passar à análise e tratamento dos dados. A tarefa de análise consiste, de acordo com Bogdan e Biklen (1994), na interpretação e compreensão de materiais recolhidos. Este tratamento da informação é realizado através da análise de conteúdo, sendo esta “... uma técnica de investigação que através de uma descrição objectiva, sistemática, e quantitativa do conteúdo manifesto nas comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações (Bardin, 1997).

Procedeu-se à fragmentação das entrevistas em unidades de sentido/análise, pois à medida que os dados são lidos destacam-se certas palavras, determinados tópicos que constituem

categorias de codificação, permitindo, deste modo, classificar os dados descritivos. A partir da leitura das entrevistas foi elaborado um sistema de categorias que podem ser de natureza diversa, segundo Bardin, (1995): semântico (incluindo categorias temáticas, como acontece neste estudo: reacções dos professores e dos alunos; lexical (palavras sinónimas e com sentidos diferentes); sintáctico (verbos, adjectivos).

Na sequência do pensamento do mesmo autor, as boas categorias devem apresentar as seguintes qualidades: (1) a exclusão mútua (cada elemento não deve existir em mais de uma categoria), apesar de que, por vezes, “algumas unidades de análise são codificadas em mais que uma categoria” (Bodgan e Biklen, 1994); (2) a homogeneidade (a organização das categorias deve obedecer a um único princípio de classificação); (3) pertinência (adaptação da categoria ao material de análise, reflectindo as intenções do investigador e as sua questões); (4) objectividade e fidelidade (definição clara dos critérios determinam a entrada de um elemento numa categoria; (5) a produtividade (conjunto de categorias deve fornecer resultados férteis em índices de inferências, em novas questões).

A validade do sistema de categorias criado verifica-se em função da sua aplicação precisa a um conjunto de informação, bem como da sua produção no âmbito das inferências.

Quadro 2:

Análise de conteúdo das entrevistas efectuadas aos diferentes professores

(ordenados conforme a data de realização da entrevista)

Categorias	Subcategorias	Unidades de Sentido
1. Cultura	Noção	<p><i>(...) é aquilo que identifica um grupo ou um povo, num determinado território, num determinado período temporal...aquilo que nos caracteriza, aquilo que está na raiz do nosso desenvolvimento (Entrevista 1, p.2).</i></p> <p><i>(...) é tudo aquilo que permite distinguir e diferenciar os grupos sociais: costumes, valores, línguas, tradições, signos (Entrevista 2, p.2).</i></p> <p><i>(...) eu penso que há várias culturas, e cada povo tem a sua cultura própria, uns mais próprios que outros, mas cada povo tem a sua cultura (Entrevista 3, p.2).</i></p>

		<p>(...) em termos gerais, serão características próprias que nos diferem uns dos outros. É aquilo que, se calhar, nós ao longo da vida aprendemos e retemos, e que acaba de ser diferente de pessoa para pessoa; é aquilo que nos identifica (Entrevista 4,p.3).</p> <p>(...) Cultura é tudo aquilo que identifica um indivíduo e o grupo a que está associado(...) é cada vez mais uma miscelânea de identidades, de troca de valores, de modos de idealizar, de actuar e interagir. (Entrevista 5,p.2).</p>
<p><u>Síntese da categoria: Cultura</u></p> <p>Os cinco sujeitos revelam uma definição idêntica de cultura que faz parte da identidade de um grupo, que está em constante mutação e influencia o desenvolvimento humano nas suas diferentes dimensões. A cultura está associada à diversidade de identidades, à troca de valores e aos modos diferentes de interagir e actuar nos vários contextos onde se está inserido.</p>		
Categorias	Subcategorias	Unidades de Sentido
<p>2. Interculturalidade</p>	<p>Significado</p>	<p>(...) eu entendo a interculturalidade como a relação entre várias culturas. Na escola, sentimos cada vez mais esse imperativo, pois temos que absorver a chegada desses alunos provenientes de várias regiões (Entrevista 1, p.3).</p> <p>(...) O que eu penso relativamente a este tema da interculturalidade num espaço escolar, é que se pode fazer mais relativamente a estes alunos, como por exemplo, promover a divulgação a toda a comunidade escolar da sua própria cultura (Entrevista 2,p.5).</p> <p>(...) Para mim interculturalidade é a junção de culturas, o contacto entre várias culturas (Entrevista 3,p.3).</p> <p>(...) considero relativamente a esta adaptação, pela experiência pessoal que eu tenho, é que há uma grande adaptação, uma grande interculturalidade. Inclusivamente os meninos portugueses têm muita curiosidade em saber pormenores da cultura, inclusivamente até como se diz determinados vocábulos eles acham imensa piada. (Entrevista 4,p.4).</p>

		<p><i>(...) Aceitavam-nos muito bem...em brincadeiras aceitavam-nos e estavam com muita atenção quando eles explicavam alguma coisa da sua cultura (Entrevista 3,p.7)</i></p> <p><i>(...) Hoje em dia, eu penso que estes alunos que chegam à nossa escola de países diferentes com culturas diferentes têm uma plena integração na escola, no seu ambiente, na turma, com a própria dinâmica da escola, inclusivamente com a cultura do país e com algumas regras (Entrevista 4,p.3).</i></p> <p><i>(...) Recordo que já vem de longe a preocupação pela diversidade étnica, pela existência de alunos imigrantes. Daí terem existido os Territórios Educativos de Intervenção Prioritária, cujo surgimento remonta a ano de 1996, que alguma forma manifestavam a preocupação pela educação intercultural (Entrevista5, p.5).</i></p>
--	--	---

Síntese da 2ª categoria: Interculturalidade

A interculturalidade é o fenómeno que promove a relação entre as diferentes culturas e na escola actual sente-se muito este imperativo; Entende-se que a escola reflecte esta dimensão nas relações que estabelece com os alunos que frequentemente chegam de outros países e que por isso deve mostrar, no momento actual, a sua flexibilidade, a sua receptividade para criar dinâmicas de troca de experiências culturais.

A mobilidade geográfica de alguns alunos reflecte-se na escola, pois a presença de alunos de culturas diferentes é cada vez mais significativa, despoletando um contexto multicultural, promotor de interacção constante e daí falar-se da interculturalidade; Esta dimensão intercultural manifesta-se, na escola actual, através da definição de condições pedagógicas e educativas adequadas aos alunos e deverão ser promotoras de uma participação dos mesmos na vida escolar.

Esta mesma realidade só poder ter expressão no contexto educativo se os agentes educativos, nomeadamente os professores não permitirem discriminação e promoverem uma cultura de diversidade, sejam receptivos à integração de diferentes grupos sociais e colaborarem na definição de princípios elementares para a instituição escolar por parte da entidade gestora. Apesar destes condicionalismos a escola começa a manifestar alguma sensibilidade para esta realidade, como por exemplo no acompanhamento específico e mais

próximos que é prestado aos alunos de origens culturais diferentes, na rede de amizades que se estabelecem e que reforçam o enriquecimento cultural.

Categorias	Unidades de Sentido
<p>3. Órgãos Pedagógicos</p>	<p><i>(...) alunos bielorrussos estou-me a lembrar particularmente de um, que penso que também foi seu aluno, que fez aqui o 9º ano, o ensino básico e que agora está no ensino secundário. Eu sei que ele está no 12º ano pois que ainda há dias esteve aqui. Foi para nós, como Direcção uma experiência bastante interessante, em primeiro lugar porque os próprios pais também foram interventivos na escola e sempre muito preocupados, e esse aluno, apesar das dificuldades com a língua, mostrou-se sempre muito empenhado, muito desejoso de aprender, sempre muito aberto, e que trouxe uma experiência muito positiva no contexto da turma onde estava inserido, na interacção que estabeleceu com os outros colegas, e também com o próprio Conselho de turma, com os professores, que toda a gente estava sempre com vontade de ajudar e colaborar para ele vencer. (Entrevista 1,p.4).</i></p> <p><i>(...) hoje em dia, a escola já dispõe de um vasto conjunto de mecanismos e recursos para responder a estas situações e é uma das coisas que eu tenho reforçado como Coordenadora de Directores de Turma do 2 e 3º ciclo (Entrevista 2,p.3).</i></p> <p><i>(...) como professora do 1º ciclo, estive 13 anos na mesma escola em S.Pedro – Gouveia, e este ano estive colocada na Escola EB.1 de Pinhanços, onde tive seis alunos de origem Búlgara (Entrevista 3,p.2).</i></p> <p><i>(...) sou professora do 2º ciclo, lecciono as disciplinas de Língua Portuguesa e de História Geografia de Portugal, sou Directora de Turma e também, nesta escola, participei na equipa de Avaliação Interna (..) Como eu era professora da disciplina de Língua Portuguesa e ao mesmo tempo era professora do apoio, dava para eu ter uma melhor percepção das dificuldades deles e depois tentava colmatar essas dificuldades no apoio individualizado (Entrevista 4,p.2).</i></p> <p><i>(...) Se colocar o meu olhar para a função que ocupo como Subdirector e os meus colegas em termos de direcção de escola, também nós temos tido essa sensibilidade, de proporcionar os meios necessários para que os alunos se sintam bem e possam fazer o seu percurso de aprendizagem e o seu percurso educativo no nosso agrupamento, criando as condições, seja de proporcionar mais horas de apoio a esses alunos e organizar horários para que esses alunos possam ter esses apoios (Entrevista 5,p.4).</i></p>

Síntese da 3ª categoria: Órgãos pedagógicos

Esta dimensão ajuda a entender até que ponto é que os professores, como agentes activos no processo educativo, nos cargos que ocupam, independentemente do nível de ensino que leccionam estão predispostos a valorizar a questão da interculturalidade. Conclui-se que existe uma abertura gradual à mobilidade dos alunos, essencialmente daqueles com origem cultural diferente, com o objectivo de proporcionar um percurso escolar harmonioso, no qual as interacções tendem a aumentar de acordo as políticas educativas e as iniciativas conjuntas da comunidade educativa.

Categorias	Subcategorias	Unidades de Sentido
<p>4. Educação Intercultural</p>	<p>Potencialidades no contexto escolar</p>	<p><i>(...) todos os actores têm caminhado exactamente neste sentido... uns porque aparecem mais alunos com diferentes características outros menos, mas que vão aparecendo em todas as escolas. Portanto, acho que as escolas se têm movido e se têm apetrechado de formas para trabalhar e lidar com estas situações (Entrevista1,p.6).</i></p> <p><i>(...) Tem havido uma evolução porque a escola tornou-se de facto um espaço democrático, multicultural (Entrevista 2, p.5).</i></p> <p><i>(...) nós temos que partir sempre da realidade das crianças ... e tendo ali seis crianças cuja realidade não era aquela, teríamos que forçosamente que as deixar falar, que as deixar explicar e contar aos outros os elementos, aspectos da sua identidade cultural (Entrevista 3, p.6).</i></p> <p><i>(...) plano anual de actividades, e sendo esta realidade cada vez mais frequente e os alunos irem aumentando de número, cada vez mais casos de países diferentes, por que não contemplar no plano anual de actividades uma actividade especifica de intercâmbio cultural, mesmo em termos de dança ou até de culinária, de canções típicas(Entrevista 4, p.7).</i></p> <p><i>(...) O projecto educativo é um meio excelente para cultivar a educação intercultural, devido ao facto de ser construído por toda a</i></p>

	<p>Experiências Pedagógicas relevantes</p>	<p><i>comunidade educativa, num espírito de participação e colaboração. Uma Escola que se questiona e procura adequar-se à diversidade e à heterogeneidade saberá entender os momentos em que as adaptações se tornam prementes. (Entrevista 5,p.6).</i></p> <p><i>(...) desses alunos bielorrussos estou-me a lembrar particularmente de um, que penso que também foi seu aluno, que fez aqui o 9º ano, portanto fez aqui o ensino básico e que agora está no ensino secundário. Eu sei que ele está no 12º ano pois que ainda há dias esteve aqui (Entrevista 1,p.4).</i></p> <p><i>(...) no 7º ano lembro-me perfeitamente quando nós dávamos e damos os países da Europa, a caracterização dos países da Europa, eles falam sempre do seu país, e mostram aos colegas não só os aspectos geográficos, mas os aspectos culturais, e sempre que fazemos essa caracterização eles próprios gostam de falar dos países. E depois também ensinam aos colegas palavras e termos... muitas vezes solicitava e dizia como é que diz este termo na tua língua e eles estavam sempre dispostos a ajudar (Entrevista 2,p.3)</i></p> <p><i>(...) uma experiência muito enriquecedora foi a promoção de festas onde se aproveitava para se divulgar alguma coisa, umas danças, umas canções... era engraçado, e como tinha dois no 4º ano, sempre que se falava nalgum tema, eles acrescentavam alguma coisa sobre a cultura deles (Entrevista 3,p.6).</i></p> <p><i>(...) A primeira experiência que eu tive foi com dois alunos da Bulgária. Eram primos. A menina era minha aluna da Direcção de Turma e o rapaz era um aluno que eu tinha no apoio individualizado juntamente com a prima. Como eu era professora da disciplina de Língua Portuguesa e ao mesmo tempo era professora do apoio, dava para eu ter uma melhor percepção das dificuldades deles e depois tentava colmatar essas dificuldades no apoio individualizado (Entrevista 4,p.5).</i></p> <p><i>(...) Ao longo da minha vida profissional fui</i></p>
--	---	--

	<p>Constrangimentos no contexto escolar</p>	<p><i>contactando com alunos oriundos de outros países e a experiência entendo-a como enriquecedora (Entrevista 5,p.4).</i></p> <p><i>(...) Não será fácil para o professor conseguir individualizar o ensino, em algumas situações para alunos que desconhecem completamente a língua... não é fácil chegar àquilo que se pretende, dentro das várias disciplinas, portanto em termos pedagógicos não é fácil. (Entrevista 1,p.3).</i></p> <p><i>(...) estes alunos trazem consigo hábitos e costumes que eles muitas vezes acabam por perder porque são integrados na nossa maneira de viver e de estar, e não tem que ser necessariamente assim (Entrevista 2,p.5).</i></p> <p><i>(...) pelo menos a mim foi o que me aconteceu, eu tive de construir tudo, não existia nada, não existia nenhum material que eu pudesse utilizar, que eu pudesse requisitar, não houve nada (Entrevista 3,p.4)</i></p> <p><i>(...) o Director de Turma para pôr em prática tais procedimentos do tal despacho normativo, tem uma certa dificuldade porque requer ao Conselho de Turma outros materiais e outro tipo de instrumentos de outra dimensão para o Director de Turma depois poder concretizar e poder executar o que a lei exige, e tem dificuldades. São vários os elementos do Conselho de Turma e nem sempre as coisas chegam a tempo (Entrevista 4,p.7).</i></p> <p><i>(...) A envolvência da comunidade educativa é mais um aspecto a ter em atenção na actuação do professor, pois muitas situações decorrem da falta de conhecimento e de práticas interculturais no seio da comunidade educativa (Entrevista 5,p.5).</i></p>
	<p>Desafios</p>	<p><i>(...) Os intervenientes do processo educativo não podem deixar que exista discriminação, têm que promover a harmonia e têm que promover esta cultura da diversidade (Entrevista 1,p.8).</i></p>

		<p>(...) <i>na política da escola, eu acho que nas diferentes estruturas tem que haver uma preocupação em contemplar estas situações, nomeadamente respeitar as diferenças, em termos linguísticos e apoiar estes alunos de uma maneira eficaz, nomeadamente, com recursos a aulas individualizadas para superar algumas dificuldades (Entrevista 2,p.7.)</i></p> <p>(...) <i>Isso depende sempre de cada um. Nós chegamos a uma escola que não tem material. Vamos cruzar os braços? Não vamos. Temos que fazer alguma coisa para o conseguir. Depende sempre de que está à frente... se nos pudermos ter formação, melhor seria, mas não nos podemos resignar (Entrevista 3,p.9).</i></p> <p>(...) <i>Acho que no Conselho de Turma é que tem que haver mais empenho... e as pessoas unirem-se (Entrevista 4,p. 8)</i></p> <p>(...) <i>Entendo que o professor pode assumir o papel de mediador intercultural, mas para isso necessita de reflectir sobre as suas práticas e concepções e verificar se as mesmas são próprias de um professor intercultural (Entrevista 5,p.4).</i></p>
--	--	---

Síntese da categoria - Educação Intercultural:

É importante falar-se das potencialidades que favorecem a abordagem e a implementação da Educação Intercultural e por isso a tendência existente é que as escolas como espaços socioculturais se têm mobilizado e preparado para fazer face a esta nova realidade: migrações dos países de Leste e inclusão de etnias. No entanto, há que destacar três questões fundamentais que se prendem com o seguinte: o ponto de partida deve ser sempre a realidade destes alunos para se definirem iniciativas no Plano Anual de actividades, bem como estabelecer linhas orientadoras no Projecto Educativo da escola. Os actores educativos têm demonstrado vontade e empenho para ajustar a sua prática pedagógica às novas realidades culturais. Porém, a educação intercultural apresenta, no entanto, alguns constrangimentos que advêm da dificuldade em individualizar o ensino pela existência de turmas grandes; de existirem poucos ou nenhuns recursos necessários à aprendizagem e à integração; da

existência de ritmos de trabalho nos Conselhos de turma, bem como um trabalho pouco colaborativo para a resolução de situações relacionadas com estes alunos e por último a pouca envolvimento, em determinadas alturas, dos professores no reforço de relações culturais nos vários contextos educativos.

Uma ideia a destacar sobre a Educação intercultural é que a mesma promove um conhecimento mais aprofundado das diferentes culturas e o respeito pela diversidade, evitando situações de racismo, xenofobia ou outro tipo de discriminação; uma das suas potencialidades no meio escolar prende-se com a importância que é dada à relação entre aluno e professor e ao trabalho colaborativo e cooperativo, através do qual se desenvolvem competências sociais, como por exemplo: ouvir e respeitar opiniões diferentes, encontrar soluções comuns para as situações de conflito; reforça o facto de, muitas vezes, a actuação do professor ser determinante para envolver a comunidade educativa, e constituir, em simultâneo, um constrangimento, no sentido de evitar a falta de conhecimento sobre a diversidade cultural e prática de iniciativas interculturais.

Para que a educação intercultural seja uma realidade cada vez mais evidente e pertinente nos contextos educativos, caracterizados pela diversidade cultural, lançam-se alguns desafios que implicam a participação dos professores, em diferentes vertentes. Considera-se que uma das atitudes dos professores para promover a educação intercultural é o princípio que manifesta quando todos os professores se mobilizam para a construção da harmonia dentro de um contexto cultural diverso e para que isto se concretize de forma real e objectiva, sugere-se a auto-formação ou a formação continua de todos aqueles que interagem em contextos educativos abertos à interculturalidade/multiculturalidade.

O desenvolvimento de práticas interculturais, faz crescer as interacções e as mediações culturais que ajudam a reconhecer o outro e com ele descobrir o seu eu; reforça a necessidade da troca de experiências culturais por parte dos docentes que constituem o Conselho de Turma, visto que o professor intercultural pode ser referência para formar outros que ainda não o são. A prática da educação intercultural no contexto educativo, pressupõe uma reflexão constante sobre a prática pedagógica, no sentido de se ajustarem os conteúdos temáticos, as actividades a desenvolver às características que marcam a identidade cultural de cada aluno que nas suas diferenças procura aproximar-se dos outros que o rodeiam. O professor da escola actual deveria ser um professor intercultural que apela para o trabalho colaborativo, no sentido de se conhecer e relacionar com aquilo que é diferente. Eis alguns dos desafios que podem ajudar a superar algumas dificuldades sentidas em contextos tão diversificados.

Categorias	Unidades de Sentido
<p>5. Construção da identidade cultural</p>	<p><i>(...) mantém-se a língua, mantêm-se alguns costumes, até mesmo religiosos, até continuam com determinadas práticas religiosas e, portanto, acho que não se perde, as coisas não se perdem, a não ser que a integração seja feita numa idade, numa faixa etária muito tenra. No fundo, realçando aspectos de outras culturas para enriquecer o contexto educativo (Entrevista 1,p.7).</i></p> <p><i>(...) eu trato frequentemente este tema nas minhas aulas, nomeadamente no 8º ano quando damos os movimentos migratórios. Falamos muito sobre aculturação, ou seja, quando estas comunidades vêm para Portugal e sofrem um processo de aculturação, mas também falamos no processo inverso que é a difusão cultural, ou seja aquilo que eles trazem de novo para a sociedade onde estamos (Entrevista 2,p. 6).</i></p> <p><i>(...) tivemos de fazer tudo do início, tivemos de ampliar imagens e seleccionar as mais adequadas, porque eram crianças que não diziam uma palavra... e foram duas e três primeiras semanas muito trabalhosas. Mas depois tudo passou a ser benéfico... quando a partir da segunda, terceira semana eles conseguiam comunicar com os outros, não com frases, mas sim com palavras (Entrevista 3,p.5).</i></p> <p><i>(...)se calhar em termos pedagógicos e se fazemos o que fazemos por gosto, eu acho que cada um de nós, uns mais outros menos, contribui para esta adaptação, par este intercâmbio de culturas, de saberes e de maneiras de estar (Entrevista 4,p.6).</i></p> <p><i>(...) a diversidade, o professor fará a ponte entre as várias culturas existentes na sua sala de aula, escola ou comunidade. De parte estará a homogeneização e o apagamento das memórias culturais de cada um (Entrevista 5,p.6).</i></p>

Síntese da categoria - Construção da Identidade Cultural:

A opinião dominante, neste âmbito, enquadra-se na tentativa expressa pelos professores para contribuírem para a construção e pelo respeito da continuidade da identidade cultural de cada pessoa na sua especificidade e de cada grupo que caracteriza os meios multi/interculturais. Os esforços desenvolvidos deveriam ter um rumo neste sentido, pois conviver e interagir em contextos heterogéneos nem sempre é fácil.

Muitas vezes, na mudança para um contexto diferente do original transporta por si alguns constrangimentos, mas também alguns factores favoráveis à promoção da identidade cultural. Pode constituir constrangimento quando, ao longo do tempo e no processo de aculturação se percam

alguns traços identitários, como por exemplo alguns hábitos inerentes a determinadas culturas. No entanto, é na reciprocidade constante que se recebem valores e aspectos que enriquecem a identidade individual e de grupo. A escola, no momento actual, desafia os seus actores para essa capacidade constante, ou seja, ajustarem a sua prática pedagógica a esta ideia de promoção da partilha, da troca de experiências multiculturais que ajudam a construir e manter a identidade cultural.

Quadro 3:

Análise de conteúdo das entrevistas aos alunos 1 e 2

(Aluno Búlgaro e Aluna Alemã)

Entrevista	
Categoria 1 – Integração Escolar	
Subcategoria 1 – Reconhecimento da importância da escola	
Subcategoria 2 - Dificuldades na integração escolar	
Subcategoria 3 – Factores favoráveis à integração escolar	
1ºAluno – Búlgaro	2ºAluno (a) – Alemã
<p><i>(...) gosto muito de cá estar...tenho mais professores, mais disciplinas, novos amigos. A escola serve para aprender, para conhecer mais pessoas, para aprender a conhecer mais coisas, para aprender a ser mais pessoa (Entrevista A1,p.4).</i></p> <p><i>(...) a dificuldade maior foi a língua; por não estudar o suficiente (Entrevista A1,p.3).</i></p> <p><i>(...) a minha família...; gosto muito de Portugal, como por exemplo; Lisboa, Viseu, Alfândega da Fé, Coimbra...; a educação das</i></p>	<p><i>(...) gosto da escola porque tenho amigos e colegas portugueses que me ajudam a conhecer um pouco mais a língua e a interagir com mais colegas de escola. É um espaço de aprendizagem que me prepara para o futuro (Entrevista A2,p.2).</i></p> <p><i>(...) não foi fácil a minha integração por ser considerada uma aluna de fora, que vinha de outro país e por isso era diferente dos outros(Entrevista A2,p.3).</i></p> <p><i>(...) os amigos que foi conquistando ao longo destes quatro anos...; o facto de conhecer outros colegas que passaram pela mesma</i></p>

<i>peçoas e cultura dos portugueses...; aqui põem os alunos mais à vontade para eles terem gosto pela escola (Entrevista A1,p. 4).</i>	<i>situação, o que me ajudou a ultrapassar os maus momentos (Entrevista A2,p.3).</i>
--	--

Síntese da categoria – Integração escolar:

Os dois alunos apesar de serem de proveniências diferentes e com práticas culturais variadas, entendem que a escola é um espaço importante para se aprender coisas novas, onde se criam novas amizades e prepara cada um para um futuro mais promissor.

Os dois alunos sentiram dificuldades na integração no contexto educativo devido ao desconhecimento da língua, no caso do aluno búlgaro e pelo facto de não se esforçar ainda mais para acompanhar o ritmo de aprendizagem que era exigido pelos professores; Por sua vez a aluna alemã, considerou que foi vista, inicialmente, como uma aluna diferente por ser de “fora”, de um país estrangeiro, com hábitos, tradições diferentes dos restantes alunos. Os obstáculos são inerentes ao processo de adaptação daqueles que chegam a outro país.

Os dois alunos consideram que existem factores que facilitam a integração escolar, apesar da diversidade cultural que caracteriza a escola. Porém, apontam factores diferentes mas complementares. O aluno búlgaro reconhece a beleza de Portugal, a educação e a cultura que caracterizam as pessoas e por último, a escola é promotora de harmonia porque põe os alunos à vontade. A aluna alemã, talvez pela sua idade e estar à mais anos em Portugal, reforça a importância de outros amigos que já passaram por uma situação similar, como exemplo para saber ultrapassar as dificuldades.

Entrevista	
Categoria 2 – Relação com os professores	
1ºAluno – Búlgaro	2ºAluno (a)- Alemã
<i>(...) a professora da escola de Santa Marinha ajudou-o muito, tinha muita paciência... (Entrevista A1,p.10).</i>	<i>(...) têm um papel importante porque dão a conhecer os aspectos culturais que identificam os diferentes alunos, são simpáticos e por vezes promovem troca de experiências culturais (Entrevista2,p.3).</i>

Síntese da categoria – Relação com os professores:

Nesta dimensão reconhece-se o papel dos professores, a sua paciência, a sua capacidade de reconhecer no outro e aprender com as suas diferenças. Os dois alunos manifestam com agrada a relação de amizade que é cultivada com os seus professores.

Entrevista	
Categoria 3 – Actividades que facilitam a integração no contexto multicultural	
1ºAluno – Búlgaro	2ºAluno (a) – Alemã
<p><i>(...) Uma vez a professora de História perguntou-me sobre as tradições no Natal e na Páscoa e fiquei todo contente porque contei para toda a turma (Entrevista A1,p.3).</i></p>	<p><i>(...) lembro-me, uma vez ter dado uma entrevista para o Jornal da Escola, a convite do clube de jornalismo. Aqui expressei o meu contentamento de fazer parte da comunidade educativa e dar a conhecer as minhas origens, as características do meu país, a minha forma de ser e de estar no mundo; outra actividade importante é comemoração do Dia da Europa (Entrevista A2, p.3).</i></p>

Síntese da categoria – Actividades facilitadoras no contexto multi/intercultural:

Esta categoria implica desafios para os diferentes contextos educativos, cada vez mais caracterizados pela diversidade cultural. Os dois alunos relevam algumas actividades que podem ser promotoras de trocas de experiências culturais, do respeito para com os outros e da sua valorização no meio escolar, pois aprende-se, dá-se e recebe-se. É nesta trilogia que a educação multi/intercultural se pode basear, mas o esforço é conjunto, ou seja, dos alunos, dos professores e da restante comunidade educativa.

3.1 - Discussão das questões de investigação

Torna-se agora importante discutir e responder às questões da investigação anteriormente formuladas:

1- Até que ponto é que os sujeitos activos do sistema educativo, nomeadamente os professores, reflectem na sua prática pedagógica a educação intercultural?

De acordo com as entrevistas, pode-se constatar que os professores dão um significado muito importante à dimensão intercultural no contexto educativo, pois o contacto entre culturas diferentes é cada vez mais um resultado da mobilidade geográfica e social, característica dos PALOP'S (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) e dos países de Leste. Para o professor 1 “Na escola sentimos cada vez mais esse imperativo, e por isso temos que absorver a chegada desses alunos provenientes de várias regiões”.

O fenómeno da globalização determinou a relação mais próxima entre as pessoas e a tendência para homogeneizar as diferentes identidades. Assim, a escola de massas, que ser uma escola inclusiva que reflecta sobre as suas práticas, nomeadamente da aceitação e integração de alunos oriundos de outros países e culturas. Os professores como intervenientes activos no processo educativo, procuram, de forma gradual, implementar os princípios da educação intercultural. O professor 2 considera “ no espaço escolar, o que se pode fazer pelos alunos que chegam, prende-se, por exemplo, com a divulgação a toda a comunidade escolar das culturas que vão chegando. Por sua vez, a professora 4, reitera o mesmo pensamento, salientando que “ Hoje em dia, o mundo é tão pequeno e a mobilidade das pessoas é tão grande, que temos de estar preparados para receber na nossa escola estes alunos, facilitando-lhes, deste modo, a sua integração e conhecer melhor a sua cultura.

A interculturalidade assume, desta forma, uma dimensão com grande significado, visto que de acordo com o professor 3 “ a junção de culturas, o contacto entre várias culturas”, transforma os contextos multiculturais em espaços abertos ao diálogo, à troca de experiências que procuram manter as identidades culturais existentes num espaço comum, mas diferente pelas pessoas que acolhe em todos os anos lectivos.

Relativamente aos alunos que contribuíram para este estudo, há que salientar o seguinte: esta vontade gradual de os professores reflectirem na sua prática pedagógica a educação intercultural reflecte-se, segundo eles na relação que estabelecem com os mesmos. A paciência, a valorização de elementos culturais diferentes no contexto de sala de aula, facilita o processo de integração dos vários alunos que contactam diariamente com a cultura, como se pode ver pelas suas palavras: “A professora...ajudou-o muito, tinha muita paciência” ou “os professores têm um papel muito importante porque dão a conhecer os aspectos culturais que identificam os diferentes alunos”.

Segundo Banks (1998) os professores deverão ter em conta na sua prática pedagógica três domínios para assegurar a educação intercultural: 1- reflexão e clarificação dos seus sentimentos, das suas atitudes e percepções em relação aos outros pertencentes a minorias; 2- aquisição de conhecimentos essenciais acerca da história, cultura e língua das minorias representadas na escola/sociedade; 3- desenvolvimento de competências para uma gestão multi/intercultural do currículo, em particular, no que se refere à planificação, implementação e avaliação das actividades, e à criação, selecção e avaliação de materiais pedagógicos adequados.

Deste modo, a prática pedagógica dos professores vai reflectindo a interculturalidade e tem sempre como base a sensibilidade para tratar da diversidade e complexidade cultural que se prefigura nos tempos actuais.

2- Quais as suas expressões no contexto escolar?

Pelas entrevistas ficou claro que a educação intercultural apresenta na escola actual uma dimensão com grande valor e com alguma expressividade. Dentro do currículo formal, existe a área curricular não disciplinar, com o nome de Formação Cívica, que permite dentro da sua flexibilidade dos conteúdos sugeridos, uma abertura ao outro. A educação intercultural espelha-se no contexto escolar através da interacção constante e progressiva dos vários sujeitos educativos, como é o caso dos professores, funcionários, pais e os alunos, bem como pelo desenvolvimento de pequenas iniciativas promotoras do respeito, da tolerância por aquilo que é diferente.

Segundo o professor 2, “há a preocupação em termos pedagógicos de dar um acompanhamento mais especializado a estes alunos que vêm de diferentes culturas, não só de países mas também de etnias diferentes”. Por sua vez, o professor 5 complementa ao acrescentar que “ já vem de longe a preocupação pela diversidade étnica, pela existência de alunos imigrantes. Daí terem existido as Territórios Educativos de Intervenção Prioritária, cujo surgimento remonta ao ano de 1996, que de alguma forma manifestavam a preocupação pela educação intercultural”. A escola aceitando ser

um local não apenas de aprendizagens mas também de trocas de experiências culturais, deve facilitar a integração das leis do grupo e desdramatizar alguns conflitos íntimos que estão na origem da incapacidade de adaptação.

De facto a abordagem intercultural está, de algum, modo subjacente ao sistema educativo no seu conjunto e por isso todos os professores, nas suas disciplinas podem ilustrar de uma forma ou de outra, a perspectiva da interculturalidade. Perante as entrevistas constata-se que existem algumas experiências enriquecedoras que contribuem para a expressividade da educação intercultural no contexto educativo. O Professor 4 responsável pela leccionação da disciplina de Geografia fala da sua experiência: “ no 7º ano lembro-me perfeitamente quando nós dávamos e damos os países da Europa, a caracterização dos países da Europa, eles falam sempre do seu país e mostram aos seus colegas não só os aspectos geográficos, mas os aspectos culturais e sempre que fazemos essa caracterização eles próprios gostam de falar dos seus países”.

Segundo Perotti (1997), a disciplina de Geografia oferece à educação intercultural, um terreno privilegiado, visto que contribui para compreender melhor as representações modernas da Europa, principalmente as que nos ligam à problemática pluricultural.

Outra expressão interessante, relaciona-se com a sua manifestação ao nível do primeiro ciclo, como exemplifica a professora 3: “ uma experiência enriquecedora foi a promoção de festas onde se aproveitava para se divulgar alguma coisa, umas danças, umas canções...era engraçado e como tinha dois no 4º ano, sempre que se falava nalgum tema, eles acrescentavam alguma coisa da cultura deles”.

A educação intercultural encontra, no contexto da escola actual a sua expressividade no âmbito das diferentes disciplinas, na realização de projectos, no reforço à língua não materna, como demonstra a professora 4 “ A primeira experiência que eu tive foi com dois alunos da Bulgária, que eram primos...Como era professora da disciplina de Língua Portuguesa e ao mesmo tempo era professora do apoio, dava para eu ter uma melhor percepção das dificuldades deles e depois tentava colmatar essas dificuldades no apoio individualizado”.

A escola actual caminha na direcção correcta, visto que procura mobilizar os seus actores principais, os professores a serem modelos interculturais com a capacidade de abertura ao outro e no respeito pelas múltiplas identidades que constituem o tecido escolar. Os alunos entrevistados reforçam esta ideia, ao referirem algumas actividades facilitadoras no contexto multi/intercultural, como por exemplo, a participação no jornal da escola (A2) e o contar das tradições que fazem parte de uma cultura específica (A1).

3- Quais os obstáculos ou condicionalismos que interferem na implementação da Educação Intercultural?

Mediante as entrevistas realizadas aos professores e aos alunos deste estudo, concluiu-se que a abordagem da educação intercultural nem sempre é fácil devido à existência de alguns obstáculos que dificultam a sua implementação objectiva e real nos diferentes contextos da escola actual. Um dos factores referenciado prende-se com a impossibilidade do professor para individualizar a sua prática pedagógica, ou seja, confinar a sua acção diária na relação com alunos provenientes de outros países e de outras culturas, como salienta o professor1 “ não será fácil para o professor conseguir individualizar o ensino..., não é fácil chegar àquilo que se pretende, dentro das várias disciplinas”. Esta dificuldade é agravada, muitas vezes, no contexto educativo com a existência de turmas com muitos alunos, dificultando o processo ensino-aprendizagem e até mesmo o processo de aculturação, como defende a aluna A2 “ não foi fácil a minha integração por ser considerada uma aluna de fora, que vinha de outro país”.

Outro factor importante tem a ver com a falta de material didáctico adaptado às diferentes identidades culturais, exigindo, deste modo dos docentes, um maior empenho e vontade na elaboração do mesmo. A professora 3 destaca que “ pelo menos a mim foi o que me aconteceu, eu tive de construir tudo, não existia nada, não existia nenhum material que eu pudesse utilizar, que eu pudesse requisitar...”.

A falta de trabalho colaborativo e cooperante transporta por si só outros condicionalismos que afectam a educação intercultural. O professor não intervêm sozinho no contexto escolar, está em constante relação com aqueles que rodeiam e para conhecer e reconhecer as múltiplas identidades culturais necessita de cooperar com todos aqueles preenchem uma comunidade educativa. A professora 4, na experiência como Directora de Turma, vivenciou esta dificuldade, ao sentir que “ para pôr em prática os procedimentos do despacho normativo, tem uma certa dificuldade porque requer ao Conselho de Turma outros materiais e outro tipo de instrumentos de outra dimensão... são vários os elementos do Conselho de Turma e nem sempre as coisas chegam a tempo”.

Outro condicionalismo apurado é aquilo que provoca um bloqueio no domínio escolar, ou seja, as discussões relativas à pedagogia ou à educação intercultural aparecem frequentemente como assuntos reservados aos círculos restritos. A envolvência da comunidade educativa é um aspecto a ter em conta na actuação do professor. Como defende o professor 5 “...muitas situações decorrem da falta de conhecimento e de práticas interculturais no seio da comunidade educativa”. Segundo

Perotti (1997, p.78) existem outras causas que dificultam este processo: - alto grau de especialização dos saberes nos debates sobre o intercultural; - desinteresse ou insuficiente assunção destes problemas pelo ensino superior e pelas universidades; - clivagem profunda, ao nível das instâncias educativas nacionais ou regionais, no modo de dominar e de inflectir sobre as realidades sociais.

Assim, apesar dos esforços desencadeados, continuam ainda a existir obstáculos que condicionam a implementação da educação intercultural. Importa sublinhar que uma das formas para evitar algumas das dificuldades discriminadas, seria considerar a interculturalidade como um projecto comum que diz respeito a todos aqueles fazem da escola em espaço sociocultural, onde se evitassem as perspectivas homogeneizadoras que impedissem a autonomia e a auto-organização individual e social das pessoas

4- Quais os passos a dar para se ultrapassarem as dificuldades?

Os contextos multiculturais não se caracterizam apenas pelo predomínio de uma cultura (língua, componentes étnicos, valores, atitudes e uma micro e macro visão do mundo), mas por uma concepção dinâmica e integradora de outras culturas em que o direito à diferença tem estatuto de legitimidade. Isto significa que há um longo caminho a percorrer, embora existam boas práticas e muita sensibilidade fazendo da dimensão intercultural um princípio que norteia o contexto educativo.

A opinião emanada das entrevistas realizadas aos cinco professores, contribui para a clarificação de alguns passos a dar para se ultrapassarem as dificuldades. O primeiro relaciona-se com a necessidade de haver professores sensíveis aos problemas da diversidade cultural, pois ao ser considerado como o elemento chave é capaz de envolver os outros para a cultura da diversidade. Como diz o professor 1: “os intervenientes do processo educativo não podem deixar que exista discriminação, têm que promover esta cultura de diversidade”.

Outro passo fundamental para a superação das dificuldades na implementação da educação intercultural é a visão global das políticas educativas, mas com a referência obrigatória para a relação com o outro, para o princípio de alteridade contemplando os diferentes contextos multi/interculturais. Durante muito tempo, pensou-se que os alunos de outras culturas, deveriam assimilar a cultura dominante, ou seja, desenvolverem-se algumas pedagogias compensatórias em relação aos mesmos. Assim, um desafio que é lançado, é não confundir integração com assimilação, como diz a professora 3: “ nós temos que partir sempre da realidade das crianças ... e

tendo ali seis crianças cuja realidade não era aquela, teríamos forçosamente que as deixar falar, que as deixar explicar e contar aos outros elementos aspectos da sua identidade cultural”.

Outra forma de potenciar os recursos e ultrapassar os obstáculos é delinear um Projecto Educativo, considerado o referencial de actuação de toda a comunidade educativa, como defende o professor 5: “ o projecto educativo é um meio excelente para cultivar a educação intercultural, devido ao facto de ser construído por toda a comunidade educativa num espírito de participação e colaboração. Uma escola que se questiona e procura adequar-se à diversidade e à heterogeneidade saberá entender os momentos em que as adaptações se tornam prementes”. Esta ideia é crucial para se entender e se fomentar um espírito de escola que contribua para uma integração verdadeira e torne possível não só a convivência cultural, mas também as relações e trocas recíprocas.

Nesta sequência, surge de igual modo o Plano Anual de Actividades, que contribui bastante para o reconhecimento das diferentes identidades existentes nos contextos educativos. Desenvolver actividades que contemplam as especificidades dos alunos de origem cultural diferente, é um passo fundamental para que se deixa a rotina e para que na diversidade se encontre a riqueza do outro. A professora 4 defende que “ sendo esta realidade cada vez mais frequente e os alunos irem aumentando de número, cada vez mais de países diferentes, porque não contemplar no plano anual de actividades uma actividade específica de intercâmbio cultural...”. A entrevista da aluna A2, confirma, igualmente, esta ideia, pois a sua participação no jornal da escola permitiu-lhe uma relação com a comunidade educativa, sensibilizando-a para existência de outras culturas no contexto escolar.

A prática da educação intercultural no contexto educativo conseguirá ultrapassar as suas dificuldades, a partir do momento em que o professor, segundo Calvo Buezas (1995, p.265) “se considere como um actor educativo e agente socializador na escola e co-protagonista na criação do seu ambiente e clima global que favoreça a aparição de atitudes totalmente cooperativas e solidárias”.

O ponto de partida para uma verdadeira educação intercultural passa pela forma como o professor assume o papel de mediador intercultural, pela sua capacidade de reflectir sobre as suas práticas e concepções e verificar se as mesmas se enquadram ao contexto envolvente.

Conclusões

Este estudo salienta a importância da interculturalidade na escola actual e as suas implicações na prática pedagógica dos professores, enquanto intervenientes activos no processo educativo. Mostra, igualmente, as potencialidades da educação intercultural numa sociedade em constante mudança, bem como os constrangimentos que estão subjacentes à sua implementação efectiva, procurando contribuir para a identificação de medidas que ajudem a ultrapassar alguns obstáculos.

A cultura sendo vista como o referencial máximo das sociedades, marca a identidade cultural de um povo, de grupos e até de pessoas na sua individualidade. As constantes migrações vindas dos países de Leste e de outras direcções exigiram um novo paradigma para entender a pertinência da educação intercultural na escola actual. A globalização contra-hegemónica é precursora da aceitação das diferenças, de uma sociedade multicultural que gradualmente procura encontrar formas de comunicar. Assim, como resposta a esta tentativa incessante de descobrir no outro o ponto de partida para a relação cultural, surge a interculturalidade que tenta traduzir na prática a possibilidade de fomentar a reciprocidade e o diálogo entre as culturas que vão caracterizando o contexto escolar onde a diversidade cultural é uma realidade cada vez mais eminente.

Deste modo, e para responder a questão de base deste trabalho, tudo aquilo que se analisou procurou demonstrar, à semelhança de outros estudos já realizados, embora ainda insuficientes, que a interculturalidade sendo uma dimensão recente tem grande significado, pois interpela todos os actores sociais, nomeadamente os professores para ajustarem a sua prática pedagógica às mudanças da sociedade envolvente.

A escola como espaço sociocultural é caracterizada no seu dia-a-dia por uma complexa trama de relações sociais que incluem conflitos, alianças e estratégias individuais e colectivas para a resolução dos mesmos. Por isso, a integração dos alunos minoritários na escola depende de vários factores, inclusivamente de os professores aceitarem o seu papel de charneira, no sentido de promover uma cidadania participativa e colaborativa.

A escola estando em constante relação com a sociedade que a envolve, reflecte na sua estrutura organizacional e pedagógica as mudanças resultantes de um contexto pluralista que exige

respostas e adequações constantes. Neste dinamismo, a sociedade plural é constantemente recriada impondo constantes desafios para a convivência das pessoas valorizadas distintamente de acordo com a sua etnia, classe social, género, religião e nacionalidade. A socialização na escola tem sofrido profundas mudanças, suscitando o aparecimento de termos como o multiculturalismo, interculturalismo, muitas vezes, confundidos no seu significado e sentido.

Deste modo, este estudo enfatiza o papel da escola na sociedade em mudança e na sua tentativa de promover um conhecimento dos outros, criando uma ambiente de harmonia e de reconhecimento das diferenças culturais. É nela que a interculturalidade se vai já manifestando através do empenho dos seus actores principais que são os professores, através de pequenos projectos multi/interculturais, na definição de um Projecto Educativo que reconhece na tolerância, no respeito, na alteridade alguns dos valores principais para a implementação da educação intercultural. Mas os caminho nem sempre é fácil, pois encontra dificuldades (Peres, 2000). A complexidade deste processo aumenta quando se pretende entrar no mundo dos outros.

Relativamente ao segundo objectivo deste trabalho, concluiu-se que há ainda um longo caminho a percorrer, embora já se vislumbrem sinais que reflectem a interculturalidade e a multiculturalidade na prática pedagógica dos professores, ou seja, os actores educativos têm mostrado vontade e empenho para ajustar a sua prática pedagógica às novas realidades culturais.

Porém, para que isto aconteça na sua totalidade, é preciso que o professor adopte uma posição integradora e não individualista, que reflecta sobre as suas práticas diárias ao nível pedagógico, procure formação específica ou auto-formação para responder com mais solicitude aos desafios e seja promotor do respeito pelas diferentes culturas, pela diversidade cultural.

Pelo estudo apresentado, ficou-se com a convicção que o caminho está traçado e que o fenómeno da interculturalidade lança grandes interpelações, às quais se vão respondendo mediante as circunstâncias no tempo e no espaço próprios. Para estudar este fenómeno numa dimensão mais alargada, seria interessante realizar um estudo comparativo com outro estabelecimento de ensino e ter entrevistado outros professores com características idênticas. Todavia, partindo do pressuposto que este estudo de caso lança outros desafios, seria pertinente investigar num grupo variado de professores, com formações académicas diferentes, quais as disciplinas que constituem o plano curricular dos seus cursos e os preparam para dar respostas às exigências da sociedade multicultural ou então comparar as atitudes dos professores entrevistados, com percursos profissionais que se distinguem quer pelo tempo, quer pela diversidade de experiências vividas com professores em início da carreira.

Referências

Afonso, N.(2005). *Investigação naturalista em educação*. Lisboa: Edições Asa.

Bardin, L. (1979). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bodgan, R.; Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.

Banks, J. A. E Lynch, J. (1986). *Multicultural education in western societies* (p.23). London: Holt.

Carneiro, R. (1995). *A tolerância e os valores da interculturalidade*. *Brotéria*, 141, 27-38.

Cortesão, L. e Stoer, S. (1996). *A interculturalidade e a educação escolar: diapositivos pedagógicos e a construção de pontes entre culturas*. *Inovação*, Nº9.

Cortesão, L. e Stoer, S. (1999). *Levantando a pedra. Da pedagogia inter/multicultural às políticas educativas no Portugal contemporâneo*. Porto: Edições Afrontamento.

Dayrell, J. T. (1996). *A Escola Como Espaço Sócio-Cultural. Múltiplos Olhares sobre a Educação e a Cultura*. Belo Horizonte, UFMG, pp.1-27.

Delors, J. (coord.) (1996). *Educação, um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da comissão internacional sobre a educação para o século XXI*. Porto: Edições Asa.

Estrela, A. (1998) *Teorias e práticas de observação de classes – uma estratégia de Formação de professores*. Lisboa. Instituto Nacional de Investigação Científica.

Giddens, A. (1992). *As consequências da modernidade*. Oeiras: Celta Editora.

Habermas, J. (1990). *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Publicações D. Quixote

Jordán, J.A. (1994). *La escola multicultural, um reto para el profesorado*. Barcelona: Ediciones Paidós.

Ladmiral, J.R. e Lipiansky, Edmond, M. (1989). *La Communication interculturelle*. Paris: Armand Colin.

Lévi-strauss, C. (1980). *Raça e História*. Lisboa: Ed. Presença.

López, M. e Guerrero, J.F. (1993). *Lecturas sobre integracion escolar e social*. Barcelona: Paidós.

OCDE (1989). *A escola e as culturas*. Paris: OCDE.

Payet, Jean Paul (2005). *A Escola e a Modernidade: o risco da etnicidade, o desafio da pluralidade*. *Análise Social*, vol. XL (176), pp. 681-694.

Patrício, Manuel Ferreira (1997). *A Escola Cultural e os Valores*. Coleção Mundo dos Saberes. Porto: Porto Editora.

Patrício, Manuel Ferreira (1997). *Formar Professores para a Escola Cultural no Horizonte dos anos 2000*. Coleção Mundo dos Saberes. Porto: Porto Editora.

Peres, A.N.P. (2000). *Educação intercultural: utopia ou realidade?* Porto: Profedições.

Perotti, Antonio. (1997). *Apologia do Intercultural*. Lisboa: Secretariado Entreculturas.

Souta, L. (1992) *Várias culturas uma escola*. In *Educação e Ensino*, 6

Taylor, Charles, (1998). *Multiculturalismo*. Coleção Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Instituto Piaget.

Touraine, A. (2005). *Um novo paradigma. Para compreender o mundo de hoje*. Lisboa: Instituto Piaget.

Vieira, Ricardo (1999). *Histórias de vida e identidades. Professores e interculturalidade*. Porto: Edições Afrontamento.

Vieira, Ricardo (1998). *Ser igual, ser diferente. Encruzilhadas da identidade*. Porto: Profedições.